

Hermínia Maria Sousa Pereira da Silva Dias

Práticas Educativas Parentais: Influência
na auto estima, na qualidade de vida e no
desempenho académico de estudantes do
ensino superior



dezembro 2012

Hermínia Maria Sousa Pereira da Silva Dias

Práticas Educativas Parentais: Influência na
auto estima, na qualidade de vida e no
desempenho académico de estudantes do
ensino superior

Dissertação apresentada à Universidade Infante D. Henrique
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Especialização em Psicologia da Educação e da Orientação

Trabalho realizado sob a orientação da Prof.^a Doutora
Ana Conde



Psicologia da Educação e da Orientação

Dezembro de 2012

DECLARAÇÃO

Nome: **Hermínia Maria Sousa Pereira da Silva Dias**

Nº. do B. I.: 7480165 Tel/Telem.: 938525918 e-mail: **hdartes@gmail.com**

Mestrado X

Designação do mestrado: **Psicologia da Educação e da Orientação** Ano de 2012

conclusão: 20 – 12 – 2012

Título da tese / dissertação

Práticas Educativas Parentais: Influência na auto estima, na qualidade de vida e no desempenho académico de estudantes do ensino superior.

Orientador (es): Prof.^a Doutora **Ana Conde**

Declaro, para os devidos efeitos, que concedo, gratuitamente, à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, para além da livre utilização do título e do resumo por mim disponibilizados, autorização, para esta arquivar nos respetivos ficheiros e tornar acessível aos interessados, nomeadamente através do seu repositório institucional, o trabalho supra-identificado, nas condições abaixo indicadas:

[Assinalar as opções aplicáveis em 1 e 2]

1. Tipo de Divulgação:

☒ **Total.**

☐ **Parcial.**

2. Âmbito de Divulgação:

☒ **Mundial (Internet aberta)**

☐ **Intranet da Universidade Portucalense.**

☐ **Internet, apenas a partir de** ☐ **1 ano** ☐ **2 anos** ☐ **3 anos – até lá, apenas Intranet da UPT**

Advertência: O direito de autor da obra pertence ao criador intelectual, pelo que a subscrição desta declaração não implica a renúncia de propriedade dos respetivos direitos de autor ou o direito de a usar em trabalhos futuros, os quais são pertença do subscritor desta declaração.

Assinatura: _____

Porto, 20 /12/2012

ÍNDICE

RESUMO	7
ABSTRACT	9
ÍNDICE DE TABELAS	11
LISTA DE ANEXOS	11
INTRODUÇÃO	13
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	19
MÉTODO.	29
Caraterização da Amostra.....	29
Instrumentos.....	32
Questionário sociodemográfico e de desempenho académico ..	32
Escala EMBU Memórias de Infância	33
Escala de Auto Estima de Rosenberg (RSES)	35
Questionário de Qualidade de Vida (WHOQOL-BREF)	35
Procedimento	36
Procedimentos estatísticos	37
RESULTADOS	38
1 - Práticas Educativas Parentais e Auto estima	38
2 - Práticas Educativas Parentais e Facetas da Qualidade de Vida	39
a) Qualidade de Vida Geral	39
b) Qualidade de Vida no domínio Físico	39
c) Qualidade de Vida no domínio Psicológico	40
d) Qualidade de Vida no domínio do Ambiente	41
e) Qualidade de Vida no domínio das Relações Sociais	41
3 - Práticas Educativas Parentais e Desempenho Académico	42

DISCUSSÃO	42
CONCLUSÕES	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
ANEXOS	61

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS: INFLUÊNCIA NA AUTO ESTIMA, NA QUALIDADE DE VIDA E NO DESEMPENHO ACADÊMICO DE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

RESUMO: O estudo aqui exposto pretende analisar o impacto das práticas educativas parentais no desenvolvimento humano de forma particular. Visa ainda perceber de que maneira é que as práticas educativas parentais determinam a auto estima, a qualidade de vida e o desempenho académico dos estudantes do ensino superior. Foram recolhidos dados num estabelecimento de ensino superior particular, envolvendo uma amostra total de 65 indivíduos. Após o consentimento informado, os inquiridos responderam a um questionário socio-demográfico, a um questionário de percurso académico, à Escala EMBU memórias de infância, à Escala de Avaliação Global da Auto Estima de Rosenberg (RSES) e ao Questionário de Qualidade de Vida, WHOQOL-BREF. Observou-se uma correlação positiva entre a auto estima e a dimensão Suporte Emocional do pai, verificou-se ainda que esta dimensão das práticas educativas parentais é preditiva desta variável. Quanto à qualidade de vida geral, a mesma dimensão Suporte Emocional do pai apresenta também uma correlação positiva e preditiva. Foi analisada, ainda, uma associação positiva estatisticamente significativa entre a qualidade de vida na faceta física e as dimensões Suporte Emocional do pai e Rejeição do pai, embora nenhuma destas práticas educativas parentais se apresente como preditor nesta faceta da qualidade de vida. No que toca à faceta psicológica da qualidade de vida e as práticas educativas Suporte Emocional do pai e da mãe, estas apresentam uma associação positiva significativa, assim como a Rejeição do pai e da mãe, só que neste caso a associação significativa é negativa. Concluiu-se, no entanto, que só o Suporte Emocional do pai é que permite predizer esta faceta. A qualidade de vida relativa ao ambiente e as práticas educativas parentais, Suporte Emocional do pai e da mãe, apresentam uma associação positiva estatisticamente significativa, mas só o Suporte Emocional do pai é que permite predizer esta dimensão da qualidade de vida. A qualidade de vida nas relações sociais e a dimensão Sobreproteção do pai aparecem associadas negativamente, sendo ainda esta dimensão das práticas educativas parentais preditiva desta dimensão da qualidade de vida. Não se encontraram correlações significativas entre as práticas educativas parentais do pai e da mãe e o desempenho académico. Os resultados supra referidos permitem consolidar a vertente prática, pois facilitam a compreensão dos efeitos das práticas educativas e do papel do pai no desenvolvimento dos filhos.

Palavras-chave: Práticas educativas parentais; desempenho académico; auto estima; qualidade de vida; ensino superior.

ABSTRACT: This study intends to make a synthesis of theoretical review, which demonstrates the impact of the educational parenting practices in human development. It also seeks to understand how these parenting practices determine self esteem, life quality and academic performance of students in higher education. Data were collected in a private higher education institution, in a total sample of 65 individuals. After their informed consent, respondents answered a socio-demographic questionnaire, a questionnaire of academic route, Scale EMBU childhood memories, the Global Assessment of Self Esteem Rosenberg (SSRS) and a Life Quality Questionnaire, the WHOQOL-BREF. There was a positive correlation between self esteem and the Father's Emotional Support. It was found that this dimension of parenting practices is predictive of this variable. As for the overall life quality, the Father's Emotional Support also has a positive correlation and predictive. Was also verified a statistically significant positive association between physical aspect of life quality and Father's Emotional Support and the Father's Rejection, although none of these parenting practices are presented as a predictor of life quality. The psychological aspect of life quality and the Father's and Mother's Emotional Support showed a significant positive association, as well as the Father's and Mother's Rejection, but in this case, the significant association is negative. It was concluded, however, that only the Father's Emotional Support is what allows predicting this facet. The life quality on the environment and parenting practices, Father's and Mother's Emotional Support had a statistically significant positive association, but only the Father's Emotional Support is what allows predicting this dimension of life quality. The life quality in social relations and the Father's Overprotection appeared to be negatively associated. This dimension seems to be as well predictive of life quality. No significant correlations were found between the parenting practices of father and mother and the academic performance. The aforementioned results allow consolidating the practical side, because they facilitate the understanding of the effects of educational practices and the role of father in the development of children.

Keywords: educational parenting practices, academic performance, self esteem, life quality, higher education.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização sócio-demográfica da amostra26

Tabela 2. Percurso académico dos participantes 28

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – Requerimento para pedido de realização de projeto de Investigação
no Estabelecimento de Ensino

ANEXO II – Pedido de Autorização para Realização de Projeto de Investigação
no Estabelecimento de Ensino

ANEXO III – Autorização do Estabelecimento de Ensino

ANEXO IV – Consentimento informado

ANEXO V – Questionário Sociodemográfico

ANEXO VI – Questionário de Percurso Académico

ANEXO VII – Escala EMBU Memórias de Infância

ANEXO VIII – Escala de Avaliação Global de Auto Estima de Rosenberg
(RSES)

ANEXO IX – Questionário de Qualidade de Vida (WHOQOL-BREF)

INTRODUÇÃO

Vários autores (e.g. Campos & Cruz, 2011; Papalia, Olds & Feldman, 2001; Parke & Buriel, 2006; Sampaio & Gomide, 2007) entendem a família como um agente determinante no desenvolvimento humano. Tradicionalmente, a família nuclear compõe-se por um homem, uma mulher e os seus filhos biológicos ou adotados que vivem num ambiente familiar comum. Para estes autores, a família é uma estrutura fundamental que molda o desenvolvimento psíquico da criança.

A família é um pequeno grupo social primário em que os seus membros se influenciam e são influenciados. Segundo Parke e Buriel (2006), a família, principalmente os progenitores, são o primeiro contexto de socialização e exercem marcada influência na vida das pessoas. Sendo assim, podemos dizer que os pais, sendo aqueles que estão mais próximos, assumem uma responsabilidade acrescida no desenvolvimento e crescimento dos filhos e a sua influência pode ser determinante.

Para Pelosi (1998), o mais importante não é o tempo que passamos com as nossas crianças, mas a forma como ocupamos esse tempo, ou seja, o mais relevante não é a quantidade de tempo disponível, mas a qualidade, a maneira como se ocupa eficazmente esse tempo de modo a promover um bom desenvolvimento pessoal e relacional. Se os pais conseguirem demonstrar aos filhos que podem contar com eles, que estão disponíveis e preparados para os amparar e ajudar, se conseguirem adequar os seus comportamentos àquilo que é esperado deles como exemplos, vão criar uma relação empática e de ajuda que se vai refletir no desenvolvimento ajustado dos seus filhos.

Este tipo de atitudes minimiza a probabilidade de ocorrência de problemas pessoais e sociais. Sendo este um fenómeno desde sempre imperativo para os investigadores, podemos ver esta posição fundamentada empiricamente num estudo sobre atitudes realizado por Baldwin, Kalhorn e Breese (1945) citado por Rogers (1985). Este estudo demonstra que as “atitudes de Aceitação Democrática” favorecem o crescimento. A atitude de aceitação democrática implica afeto de igual para igual e promove no filho desenvolvimento intelectual mais rápido, maior originalidade, segurança emotiva e um domínio profundo dos recursos internos latentes que aceleram a

sua maturação pessoal. Estas são condições excelentes para permitir a aquisição de competências pessoais e preparação para a vida. O mesmo estudo evidencia que, quando as atitudes dos pais se baseiam na “rejeição ativa”, os filhos manifestam menor desenvolvimento intelectual, fraca utilização das suas capacidades, falta de originalidade, sendo crianças emocionalmente instáveis, agressivas, agitadas e rebeldes.

Na opinião de Cruz e Lima (2012), as relações familiares contribuem e afetam a competência, resiliência e bem-estar dos seres humanos. A família é ainda um sistema social que está inserido em outros sistemas mais complexos e abrangentes que condicionam o seu funcionamento. Ainda segundo Campos e Cruz (2011), os pais são os responsáveis por criar condições para que as crianças desenvolvam sentimentos de segurança, auto estima, identidade pessoal, assim como suporte emocional e organização de rotinas diárias.

Embora o desenvolvimento das pessoas não dependa exclusivamente da ação direta da família e dos progenitores, podemos dizer que estes são os agentes socializadores que mais atuam nesse desenvolvimento. Segundo Steinberg (2001), as pesquisas efetuadas sobre esta temática demonstram que, de modo geral, os estilos parentais e práticas educativas se relacionam com diversos aspetos do desenvolvimento, tais como ajustamento social, psicopatologia, auto estima e desempenho escolar. Os pais apresentam um papel muito importante no desenvolvimento e na realização escolar pela forma como motivam as crianças e nas atitudes que lhes transmitem. A forma como os pais valorizam e ajudam a encarar a vida, promove a auto estima e fomenta o ajustamento social e bem-estar psicológico, evitando assim sintomatologia psicopatológica (depressiva, ansiosa e de inadaptação social). Podemos denotar pelos diversos estudos e investigações que vão surgindo, o interesse em investigar o modo como as práticas educativas parentais ou estilos parentais podem determinar ou condicionar o desenvolvimento humano. Como exemplo, podemos referir um estudo efetuado por Boeckel e Sarriera (2006), com a participação de 323 adultos jovens, estudantes universitários de ambos os sexos. Este estudo destaca a existência de uma correlação significativa positiva entre o estilo parental autorizante e bem-estar psicológico (quanto maior for o estilo parental autorizante, maior é o nível de bem estar psicológico). Refere que o estilo parental autorizante prediz o bem-estar

psicológico. O mesmo estudo destaca, ainda, a existência de uma correlação significativa negativa entre o estilo parental autoritário e bem-estar psicológico (a uma maior prática parental autoritária, corresponde um menor nível de bem estar psicológico). Um outro estudo de Teixeira e Lopes (2005), realizado com 173 estudantes universitários, demonstra que a análise de variância “sugere que os estilos parentais podem de facto estar relacionados ao desenvolvimento dos valores humanos” (p.51). Uma investigação efetuada por Silva e Costa (2005), com 511 jovens adultos de diversos cursos universitários, demonstra médias estatisticamente significativas entre a vinculação à mãe e pai e a sua relação a medos e características obsessivas/compulsivas. Este mesmo estudo refere que o estilo de vinculação insegura é o que apresenta médias mais elevadas nos vários tipos de ansiedade. Embora vinculação seja um conceito diferente de práticas educativas parentais, são os comportamentos interativos e as práticas parentais das figuras vinculativas que vão desencadear o tipo de vinculação que vai ser realizado. Por último, um estudo realizado por Weber, Stasiak e Brandenburg (2003), demonstra que a perceção dos adolescentes quanto à sua auto estima apresenta uma relação significativa positiva com a expressão afetiva, envolvimento, regras, reforço, comunicação positiva, presença de modelo parental, clima conjugal positivo e sentimentos positivos em relação aos pais. No que refere a punições inadequadas e comunicação negativa, os resultados apontam uma relação negativa significativa na auto estima. Resumindo, este estudo demonstra que “um ambiente familiar adequado contribuiu com o desenvolvimento de melhor auto estima em adolescentes” (p. 95).

A maioria dos estudos sobre a importância das práticas educativas parentais e desempenho académico apresentam amostras com crianças ou adolescentes. Quanto à qualidade de vida, os estudos apresentados são relacionados com o bem-estar físico ou doença e não referem o impacto das práticas educativas parentais. Atendendo a este interesse nas práticas educativas parentais, parece-nos relevante tentar perceber de que forma estas práticas podem estar associadas ou até determinar o desempenho académico, influenciar a auto estima e a qualidade de vida de jovens adultos, ou seja, utilizando uma amostra de uma faixa etária diferente da apresentada na maioria dos estudos.

O presente estudo parece-nos assim pertinente, pois não existem muitas investigações que contemplem este tipo de amostra, jovens adultos. Ao investigarmos o impacto das práticas educativas parentais no desempenho académico dos estudantes do ensino superior e avaliando a relação dessas práticas com a auto estima e com a qualidade de vida, podemos perceber, intervir e promover de forma mais assertiva no bem-estar e sucesso dos jovens adultos.

A investigação que vai ser descrita contempla uma amostra de conveniência composta por 65 indivíduos de ambos os sexos, sendo que 14 são do sexo masculino e 51 do sexo feminino. Destes, 37 são estudantes do 2º ano de licenciatura do curso de Psicologia e 28 do 2º ano de licenciatura do curso de Direito. Esta amostra foi recolhida num estabelecimento de ensino particular. Para fundamentar o desempenho académico destes estudantes, recolhemos dados sobre o seu percurso académico durante o 1º ano da licenciatura. Após o consentimento informado, os inquiridos responderam a um questionário socio-demográfico e a um questionário de percurso académico. Para avaliar as práticas educativas parentais do pai e da mãe, os participantes preencheram a Escala EMBU memórias de infância e, para recolher dados sobre auto estima e qualidade de vida, preencheram a Escala de Avaliação Global da Auto Estima de Rosenberg (RSES) e Questionário de Qualidade de Vida, WHOQOL-BREF, respetivamente.

Foram contemplados todos os requisitos éticos e deontológicos, de forma a promover a confidencialidade dos dados e sigilo dos participantes.

O trabalho que se expõe está dividido em três partes. Primeiramente será apresentado um breve enquadramento teórico, no qual faremos alusão e abordaremos algumas definições e estudos sobre práticas educativas parentais, auto estima, qualidade de vida e desempenho académico, a fim de ilustrar os conceitos principais do estudo. De seguida, vamos descrever os objetivos gerais e específicos, o método (descrição da amostra e dos instrumentos utilizados), o procedimento, a análise estatística de dados e os seus resultados. Na última parte, dedicaremos a nossa atenção à interpretação dos resultados do estudo empírico, realizando uma discussão dos principais

resultados, mencionando ainda as conclusões e algumas limitações desta investigação. Terminaremos com sugestões para futuras investigações.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Baumrind (1966) foi pioneira na avaliação do envolvimento emocional e comportamental dos pais e na influência que essas atitudes podem ter no desenvolvimento dos filhos (Weber, Stsiak & Brandenburg, 2003).

Alguns autores (e.g., Afonso, Veríssimo, Fernandes, Borges & Monteiro, 2011; Andrade, 2010; Belsky, 2005; Campos & Cruz, 2011; Cruz & Lima, 2012; Steinberg, 2001; Teixeira & Lopes, 2005) consideram que uma das questões mais importantes para a Psicologia está relacionada com a forma como o ambiente atua no desenvolvimento dos sujeitos, tendo os pais um papel primordial e sendo a família o cenário principal para a socialização. É conhecido o efeito e a influência do meio que nos rodeia nos vários níveis do nosso crescimento (físico, emocional e social). A este nível, os pais têm um papel particularmente importante no desenvolvimento dos seus filhos, pela proximidade e responsabilidade que assumem.

Para Steinberg e Morris (2001), dos muitos contextos em que os adolescentes se desenvolvem, nenhum tem recebido tanta atenção como a família. Para estes autores, existem imensas pesquisas que focam o seu objetivo na influência e importância das relações familiares, principalmente no que se refere a relação pai/adolescente e seus conflitos.

O primeiro processo relacional da criança é com os pais. Sendo assim, esse contexto pode contribuir para determinar o desenvolvimento e a forma como, no futuro, essa criança vai agir e construir a sua identidade, o seu êxito e as relações com os outros (Cool, Marchesi & Palácios, 2004; Cruz & Lima, 2012).

As práticas educativas parentais são comportamentos interativos, estratégias e técnicas adotadas pelos pais para instruir e orientar os comportamentos dos filhos, ou seja, são conteúdos específicos que definem objetivos de socialização, são estratégias utilizadas para incentivar (comportamentos desejados) ou suprimir (comportamentos inadequados) comportamentos dos filhos (Teixeira & Lopes, 2005). Estas estratégias podem

ser combinadas e adequadas de acordo com as situações e a conduta desejada (Darling & Steinberg, 1993).

Os estilos parentais estão associados a um conjunto de atitudes dos pais relativamente à educação dos seus filhos e definem a forma como estes influenciam os filhos através das suas práticas educativas, com base nos seus valores e crenças. Estas são características que determinam a interação entre os pais e filhos. Neste sentido, os estilos parentais promovem um clima emocional que se expressa no desenvolvimento das crianças e incluem aspetos de interação entre os pais e os filhos e as práticas parentais específicas (linguagem corporal, tom de voz, mudança de humor), com determinados objetivos (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Os estudos pioneiros de Baumrind tiveram como objetivo estimar o impacto das práticas educativas parentais nas várias dimensões da vida do indivíduo. Segundo Papalia, Olds e Feldman, (2001), tal permitiu identificar três estilos parentais distintos (permissivo, autoritário e autoritativo) que influenciam e moldam o desenvolvimento das crianças e jovens.

A família, e principalmente os pais têm a função de promover o afeto necessário à estabilidade emocional, essencial ao desenvolvimento absoluto e harmonioso. Ao longo dos tempos, as dinâmicas familiares têm vindo a alterar-se. De algum modo, essas modificações podem refletir-se nas práticas educativas parentais. Existem estudos e argumentos (que serão mencionados ao longo desta investigação) que demonstram situações pessoais e sociais que interferem ou podem interferir nas relações entre pais e filhos e na forma como os pais adequam as suas práticas educativas às diferentes situações.

As famílias, apesar de não representarem uma estrutura social perfeita, pois sofrem alguns constrangimentos estruturais e sociais, possuem liberdade para agir consoante os seus interesses e valores. Esta autonomia diferencia e distingue as várias famílias. As famílias não são cópias umas das outras, apresentam respostas e ações distintas aos constrangimentos que têm de enfrentar (Diogo, 1998).

Para Jia e Schoppe-Sullivan (2011), o envolvimento do pai no desenvolvimento e acompanhamento das crianças é influenciado pelo ambiente social e familiar.

Segundo Diogo (1998), o estatuto profissional das mães pode ter alterado a ordem económica e a dinâmica familiar, pois isso permitiu uma maior independência da mulher, contato com outros contextos relacionais e aumento do poder económico. Por outro lado, criou no espaço familiar uma ausência, diminuição do tempo dedicado aos filhos. No entanto, não se pode considerar esse fator como determinante na degradação das relações mãe-filho, pois, como já referimos anteriormente, e segundo Pelosi (1998), mais importante do que a quantidade de tempo é a qualidade desse tempo que acaba por ser mais importante no desenvolvimento das crianças.

A importância da mãe e dos seus comportamentos começa bastante cedo, logo durante a gestação. Para Conde, Figueiredo, Tendais, Pereira, Afonso e Nogueira (2008), o desenvolvimento psicológico das crianças começa antes da nascença e os comportamentos da mãe enquanto grávida (devido a pequenas variações no ambiente fisiológico e à elevada sensibilidade do cérebro fetal) já determinam a variabilidade comportamental e o desenvolvimento futuro da criança.

Outro fator que Diogo (1998) e Monteiro, Veríssimo, Santos e Vaughn (2008) enumeram e que pode influenciar as práticas educativas parentais é o aumento de divórcios, que também intervém nas dinâmicas familiares, pois os filhos ficam a viver com apenas um dos progenitores (famílias monoparentais), na sua maioria com a mãe, que muitas vezes é o único adulto responsável economicamente pelo sustento familiar e pelo acompanhamento e educação do menor. Tal facto pode contribuir para uma situação de instabilidade emocional nas crianças. Apesar da reduzida investigação sobre este assunto, um estudo realizado por Costa, Cia e Barham (1997), com 30 crianças, metade vivendo em famílias monoparentais e metade vivendo com ambos progenitores, demonstra um maior envolvimento materno no grupo monoparental. Outro estudo de Dunlop e Bermingham (2001), com adolescentes de 37 famílias expostas à situação de divórcio e 41 famílias de casais que vivem juntos, analisou a auto imagem e a estrutura familiar. Este estudo atesta que os pais divorciados eram percebidos como significativamente menos cuidadosos, apresentando diferenças quanto à mãe. O estudo demonstra ainda que, quando as mães e os pais apresentam estilos parentais

altamente carinhosos, os jovens apresentam significativamente uma melhor auto imagem, independentemente do sexo e da estrutura familiar.

Mesmo quando os progenitores vivem juntos, as práticas educativas podem ser afetadas e condicionadas, nomeadamente quando os casais apresentam relações deficitárias e agressivas, que levam à instabilidade emocional do casal, ao ajuste ou desajuste na forma como educam. Casamentos problemáticos e processos conjugais desajustados alteram a forma como os pais lidam com os filhos (Belski, 2005; Sani, 2003). Segundo Jia e Schoppe-Sullivan (2011), quando os progenitores vivem juntos, o pai têm um papel mais ativo, mantendo maior contato com os filhos e participando mais no seu acompanhamento, o que muitas vezes não acontece quando os progenitores estão separados.

É importante não esquecer que as práticas educativas parentais também podem ser condicionadas pelos próprios filhos, pelas suas atitudes, pela sua personalidade, temperamento e género (se são filhos únicos, mais novos, mais velhos ou mesmo pelas suas condições físicas e/ou emocionais). Tal como demonstram Lam, Solmeyer e MCHale (2012), num estudo longitudinal que efetuaram durante dois anos com pais, mães e irmãos mais velhos de adolescentes, concluíram que a interação, investimento e projetos para os filhos diferem com a posição destes na fratria. Na realidade, no interior das famílias, os filhos não são todos iguais. Os pais apresentam objetivos e estratégias diferentes para cada um deles. Para Cool, Marchesi e Palácios (2004), os estudos de semelhanças e diferenças entre irmãos demonstram que as divergências não são só devido a fatores genéticos, mas também pelo facto de viverem em ambientes diferentes, ou seja, mesmo debaixo do mesmo teto, a estimulação, as interações, as expetativas e as relações com os progenitores e outros membros da família são diferentes.

Belsky (2005) defende que as características das crianças, como o seu temperamento, podem contribuir para que os pais ajustem as suas práticas à criança com que têm de lidar, condicionando assim os comportamentos parentais. Papalia, Olds e Feldman (2001) sustentam que os fatores inatos, como o temperamento, podem afetar as aptidões da criança e influenciar os pais. Crianças de temperamento “fácil” podem promover nos pais uma resposta

mais permissiva e autoridade democrática, já uma criança com temperamento “difícil” pode impulsionar nos pais um comportamento mais autoritário.

A auto estima está relacionada com o conhecimento de si mesmo, com “uma dimensão valorativa e julgadora do eu” (Coll, Marchesi & Palacios, 2004, p. 186). Para estes autores, é a forma como a pessoa se vê, o valor e as competências que considera ter que de algum modo determinam a auto estima. Alguns autores (e.g., Andrade & Angerami, 2001; Peixoto, 2004; Santos & Maia, 2003) defendem a auto estima como uma consequência psicológica relacionada com o autoconceito, representações que as pessoas constroem sobre si e o impacto das avaliações que os vários membros da família fazem. Para Peixoto (2004), as dinâmicas familiares influenciam o autoconceito, sendo a subescala suporte emocional a dimensão que mais afeta as representações sobre si próprio.

O mesmo autor apresenta uma investigação com uma amostra de 265 adolescentes a frequentarem o 7º, 9º e 11º anos de escolaridade, para avaliar a qualidade das relações familiares, a auto estima, o autoconceito e o rendimento académico, tendo concluído que as práticas educativas parentais, para além de afetarem as dimensões do autoconceito, estão também associadas à auto estima. Recorrendo a uma análise de variância multivariada, das variáveis independentes (ano de escolaridade, repetência e qualidade do relacionamento familiar) e variáveis dependentes (diferentes dimensões do auto conceito/auto estima), o resultado quanto à auto estima e percepção da qualidade do relacionamento familiar, é significativo, ou seja, “os alunos que percebem o seu relacionamento com a família como positivo, são aqueles que evidenciam níveis de auto estima mais elevados.” (p. 239).

Para Rosenberg, Schooler, Schoenbach e Rosenberg (1995), existem dois tipos de auto estima, a auto estima global e a específica. A auto estima global é aquela que mais se relaciona com o bem-estar, a auto estima específica está condicionada a determinado comportamento, como por exemplo a auto estima académica. Este conceito de auto estima específica está associado à valorização de algo, como pode acontecer com o desempenho académico e pode influenciar a auto estima global.

Weber, Stasiak e Brandenburg (2003) apresentaram uma investigação efetuada com 111 adolescentes, em que os resultados são significativamente positivos entre auto estima e percepção da interação familiar, que inclui expressão afetiva, envolvimento, regras, comunicação positiva, reforço, presença de modelo parental, clima conjugal e sentimentos positivos em relação aos pais.

Outro estudo realizado com 126 pais de crianças em idade pré-escolar e em idade escolar, por Campos e Cruz (2011), refere que as crianças cujos pais adotam o estilo permissivo como modo de educar (em que se apresentam para as crianças como um recurso para realizar os seus desejos, não como modelo e que não corrigem a maneira de agir dos seus filhos nem agem no sentido de moldar e orientar os seus comportamentos), apresentam um menor desenvolvimento em alguns domínios, como na autonomia, auto estima, auto controlo e capacidade de exploração.

Segundo a definição do grupo de saúde mental da Organização Mundial de Saúde (OMS), qualidade de vida é “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL GROUP, 1994 citado por Fleck, Louzada, Xavier, ChaChamovich, Vieira, Santos et al., 2000, p.179).

A maioria dos estudos pesquisados sobre qualidade de vida (Canavarro, Pereira, Moreira & Paredes, 2010; Canavarro, Pereira, Simões, Pintassilgo & Ferreira, 2008; Gaspar, Matos, Ribeiro & Leal, 2008; Paredes, Simões, Canavarro, Vaz Serra, Pereira, Quartilho, Rijo et al, 2008; Salgado, Rocha & Marques, 2008) não analisam a relação entre práticas educativas parentais e qualidade de vida. A maioria dos estudos existentes é específica e correlacionam qualidade de vida e saúde ou se debruçam sobre as concepções de qualidade de vida, ou relacionam, ainda, a qualidade de vida e os idosos. Contudo, um estudo realizado por Boeckel e Sarriera (2006), com 323 adultos jovens, para identificar as correlações existentes entre práticas educacionais, estilos atribucionais e bem-estar psicológico, remete-nos para a importância dos estilos parentais e bem-estar psicológico em jovens universitários. Este

estudo indica-nos que o estilo parental autorizante (pais que apresentam uma relação calorosa e apoiante, que respeitam as personalidades dos seus filhos, sem deixar de enfatizar os valores sociais e as regras) implementa nos jovens adultos a construção de habilidades, níveis de competência psicossocial, menos comportamentos disfuncionais, melhores níveis de auto estima e equilíbrio. Petito e Cummins (2000) referem que o bem-estar psicológico consiste na satisfação com a vida, abarca uma apreciação cognitiva e o aspeto afetivo, que envolve humor e sentimentos.

Os autores supra citados definem como essencial para a qualidade de vida dos jovens, o suporte social e a perceção das práticas parentais dos progenitores. O suporte social amplia o bem-estar pois estimula e influencia positivamente, promovendo a saúde. Um estudo efetuado por estes investigadores, com 279 adolescentes com idades entre os 12 e os 17 anos, permite concluir que o suporte familiar e interação dos pais são fatores fundamentais na edificação do bem-estar psicológico, pois promovem equilíbrio (processo homeostático). Para Boeckel e Sarriera (2006), a falta de suporte emocional pode ocasionar psicopatologia. Segundo um estudo exploratório efetuado por Araújo, em 2003, com uma amostra constituída por dois grupos, um com perturbação depressiva (indivíduos que procuram ajuda nos serviços de psiquiatria e psicologia) e outro constituído por indivíduos da população em geral (grupo de controle), “os resultados obtidos indicam uma relação significativa entre determinadas atitudes dos pais (Sobreproteção, Rejeição e Suporte Emocional) e o posterior ajustamento ou perturbação do adulto.” (p.215). Os resultados demonstram que a diferença entre os dois grupos tem como maior contributo o Suporte Emocional da mãe. Segundo este estudo, são as variáveis do estilo educativo da mãe as que mais contribuem para influenciar os níveis de ajustamento e bem-estar do adulto. Contudo, de modo geral, a análise da influência das práticas educativas na saúde mental dos filhos quando adultos, revela uma influência de ambos progenitores, embora os estilos educativos maternos (Suporte Emocional e Rejeição) sejam percebidos pelos intervenientes neste estudo como mais intensos e que melhor discriminam os indivíduos que sofrem de perturbação depressiva.

Tendo em conta que as práticas educativas parentais podem contribuir para o estado depressivo dos indivíduos, podemos rematar com um estudo

efetuado por Gameiro e colaboradores (2008), o qual demonstra que, “sujeitos com sintomatologia depressiva apresentam valores significativamente mais baixos de qualidade de vida em todos os domínios e facetas” (p. 103), alertando para o impacto negativo da depressão no bem-estar dos sujeitos. Podemos concluir pela análise destes estudos que as práticas educativas podem estar associadas a estados patológicos depressivos e que esses estados depressivos levam a uma diminuição da qualidade de vida dos sujeitos.

O desempenho, insucesso e sucesso escolar poderão estar dependentes de causas diversas, que podem ser intrínsecas e extrínsecas. Como apreciações intrínsecas podemos enunciar aspetos biológicos de desenvolvimento, como dificuldades de aprendizagem e necessidades educativas especiais. As dificuldades extrínsecas podem estar associadas a diversos fatores contextuais, dos quais se destacam, pela relevância dos objetivos do presente estudo, fatores socio económicos, estrutura familiar, atitudes e comportamentos parentais (Montagner, 1996).

Diogo (1998) refere que um dos fatores que pode influenciar o desempenho académico se associa à relação entre estatuto social e projetos académicos. Embora esta relação não seja linear, para a autora existem interferências nesta relação, “para o caso português a procura popular de educação tem crescido. Se até aos anos 50 uma elite procurava o ensino superior, hoje essa procura estende-se a todas as classes sociais” (p.54). Contudo, isso não significa que a desigualdade quanto à classe social não permaneça.

Para Benavente, Costa e Machado (1990) e Benavente e Salgado (1991) existem pais de nível socioeconómico baixo que, apesar de apresentarem expectativas elevadas quanto ao desempenho académico dos filhos, gostariam de os ver bem-sucedidos academicamente, não acreditam que tal seja possível, por razões económicas ou relacionadas com a capacidade dos filhos. Esta crença na dificuldade de um bom desempenho escolar dos filhos, leva a que invistam pouco em tal objetivo.

Os mesmos autores encontraram uma fração de pais operários de classes mais desfavorecidas, com expectativas mais baixas, que assumem não ter meios (competências pessoais e oportunidades sociais) para conseguir investir no desempenho dos seus filhos de modo a alterar o seu percurso negativo, conformando-se com esse desempenho fraco.

Bradley e Corwyn (2002) vão mais longe e referem que o estatuto socioeconómico (rendimento familiar, escolaridade dos pais e ocupação profissional) não só pode determinar o desempenho académico, como pode delimitar o bem-estar das crianças nos três principais domínios do desenvolvimento, cognitivo, sócio emocional e da saúde.

Para Diogo (2006) atualmente, as famílias apresentam uma maior predisposição para se preocuparem com o grau académico dos seus filhos e em moldar as suas práticas às interações escolares.

Tendo em conta as evidências empíricas dos estudos apresentados, podemos hipotetizar que o estatuto socioeconómico dos pais poderá determinar, de algum modo, as suas práticas e a forma como vão orientar e incentivar os seus filhos para o futuro. Contudo, apesar de o nível socioeconómico poder marcar o desenvolvimento do indivíduo, a capacidade financeira não é o fator que mais influencia o sucesso ou insucesso escolar, destacando-se a este nível o tipo de família e a comunidade envolvente, os cuidados médicos e a escolaridade que as crianças recebem (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Um estudo efetuado por Connel, Spencer e Aber (1994) demonstra que o suporte emocional e social disponibilizado pelos pais está agregado à perceção de competências, às relações com os pares e às motivações escolares.

Um outro estudo efetuado por Peixoto (2004) indica que os alunos que demonstram ter melhor suporte familiar nas tarefas académicas, apresentam menos repetências. Segundo este autor, o resultado é congruente com evidências empíricas que relacionam o envolvimento parental nas atividades académicas dos filhos, a um melhor desempenho académico.

Uma investigação com 285 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e 14 anos, realizada com o objetivo de perceber a relação existente entre práticas educativas parentais, fobia social e rendimento académico,

efetuado por Camacho e Matos (2007), evidencia que os adolescentes, a quem o pai dá carinho e o pai e mãe dão autonomia, apresentam tendência para um melhor rendimento académico, assim como uma menor predisposição para apresentar fobia social. Este mesmo estudo refere que os jovens, cujos pais mais protegem (Sobreproteção do pai e Sobreproteção da mãe), apresentam sintomas de fobia social e pior desempenho académico.

O presente estudo destina-se, de forma geral, a tentar perceber se existe uma associação entre as práticas educativas parentais, a auto estima, a qualidade de vida e desempenho académico dos estudantes do ensino superior. De forma particular, é nossa pretensão investigar se existe associação entre as diferentes dimensões das práticas educativas parentais (Suporte Emocional, Rejeição e Sobreproteção do pai e da mãe) e o nível global de auto estima, diferentes facetas da qualidade de vida (geral, físico, psicológico, do ambiente e das relações sociais) e desempenho académico (média ponderada das notas dos alunos do 1º ano do 1º ciclo estudos).

Tendo em conta os nossos objetivos gerais, específicos e os resultados da investigação prévia, esperamos encontrar, nos estudantes do ensino superior, associações significativas entre as práticas educativas parentais, na auto estima, na qualidade de vida e no desempenho académico.

Consideramos que este estudo é oportuno e contribui para uma melhor perceção das interações familiares, uma vez que o ser humano está em constante mudança pessoal e social e, sendo a família um grupo social primário e fulcral no desenvolvimento humano, é necessário uma constante atualização e conhecimento aprofundado sobre as relações pais/filhos, atenta a proximidade que se verifica. A originalidade desta investigação está na escolha da amostra, jovens adultos, pois a maioria das investigações sobre esta temática é realizada com crianças e adolescentes e consideramos importante perceber os reflexos das práticas educativas parentais numa faixa etária sujeita a consideráveis modificações sociais e culturais nas últimas décadas, como acontece com os jovens adultos.

MÉTODO

Caraterização da amostra

Participaram no presente estudo 65 estudantes do ensino superior de uma instituição universitária particular do Porto, 28 sujeitos do 2º ano da licenciatura de Direito e 37 do 2º ano da licenciatura de Psicologia.

Os participantes eram maioritariamente do sexo feminino (n= 51) e tinham uma média de idade de 21 anos (DP= 6.9, Min= 19, Máx= 66). Os sujeitos eram, na sua maioria, solteiros (n= 61), portugueses (n= 61), faziam parte de um agregado familiar composto por três (n= 28) ou quatro elementos (n= 22) e a maioria vivia com o pai e com a mãe (n= 50). Quanto ao estatuto ocupacional dos sujeitos, a maioria era estudante (n= 59).

Segundo os 65 inquiridos e fazendo uma análise ao estatuto ocupacional dos progenitores, podemos referir que 46 pais estavam empregados, 11 estavam desempregados, 5 estavam reformados, 1 nunca trabalhou e 2 faleceram. No que se refere à mãe, a maiorias das mães (n=45) encontravam-se empregadas, 6 encontravam-se desempregadas, 5 eram domésticas, 5 reformadas, 1 nunca trabalhou, 2 faleceram e um dos inquiridos não respondeu.

As habilitações literárias do pai resumem-se ao 1º ciclo (n= 13), 2º ciclo (n= 14), 3º ciclo (n= 13) e secundário (n= 14), licenciatura (n=6), mestrado (n= 1), doutoramento (n= 3), um dos elementos da amostra não respondeu a esta questão. Quanto às habilitações literárias da mãe, a maioria tinha o 3º ciclo (n= 15), não sabia ler nem escrever (n= 1), licenciatura (n=8), mestrado (n= 2), bacharelato (n= 1) e as restantes 26 dividiam-se em igual número pelo 1º ciclo (n= 13) e secundário (n= 13). Um dos inquiridos não respondeu. Quanto ao percurso académico dos participantes, 37 sujeitos referem ter disciplinas do 1º ano em atraso, sendo que 21 são do curso de Direito e 16 do curso de Psicologia.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica da amostra (N=65)

	Direito (%)	Psicologia (%)	Total (%)
Idade do Sujeito (em anos)			
< 20	15.4	20	35.4
20-30	26.3	35.3	61.6
30-40	0	1.5	1.5
>40	1.5	0	1.5
Sexo do Sujeito			
Masculino	13.8	7.7	21.5
Feminino	29.2	49.3	78.5
Estado Civil do Sujeito			
Solteiro(a)	41.6	52.4	94
Casado(a)	1.5	1.5	3.0
União de Facto/ Vive Junto	0	1.5	1.5
Divorciado(a)	0	1.5	1.5
Nacionalidade do Sujeito			
Portuguesa	41.5	52.5	94
Suíça	0	3	3
Cabo-verdiana	1.5	0	1.5
Brasileira	0	1.5	1.5
Número de pessoas do Agregado familiar			
Uma	3	0	3
Duas	1.6	4.7	6.3
Três	12.5	31.3	43.8
Quatro	21.9	12.5	34.4
Cinco	3.1	9.4	12.5
Com quem vive			
Sozinho(a)	3	0	3
Com pai e com a mãe	32.9	44.6	77.5
Com a mãe	3	1.5	4.5
Com a mãe/padrasto	1.5	3	4.5
Com outros membros da família	3	3	6
Com o namorado e com o pai	0	1.5	1.5
Com o marido e filha	0	1.5	1.5
Com o namorado	0	1.5	1.5

Estatuto Ocupacional do sujeito			
Estudante	40.2	50.8	91
Estudante/trabalhador	3	6	9
Habilitações literárias do Pai			
1º Ciclo (1º ao 4º ano)	4.8	15.9	20.7
2º Ciclo (5º ao 6º ano)	7.8	14.1	21.9
3º Ciclo (7º ao 9º ano)	10.9	9.4	20.3
Secundário	10.9	10.9	21.8
Licenciatura	6,3	3	9.3
Mestrado	0	1.5	1.5
Doutoramento	1,5	3	4.5
Estatuto ocupacional do pai			
Empregado	33.9	36.9	70.8
Desempregado	6.2	10.8	17
Reformado	0	7.7	7.7
Nunca trabalhou	0	1.5	1.5
Faleceu	3	0	3
Habilitações literárias da mãe			
Não sabe ler nem escrever	1.5	0	1.5
1º Ciclo (1º ao 4º ano)	12.6	7.8	20.4
2º Ciclo (5º ao 6º ano)	4.7	12.5	17.2
3º Ciclo (7º ao 9º ano)	9.2	14.3	23.5
Secundário	7.8	12.5	20.3
Licenciatura	6.3	6.3	12.6
Mestrado	0	3	3
Bacharelato	0	1.5	1.5
Estatuto ocupacional da Mãe			
Empregada	28.3	42.5	70.8
Desempregada	3	6.3	9.3
Reformada	3	4.7	7.7
Doméstica	4.7	3	7.7
Nunca trabalhou	0	1.5	1.5
Faleceu	3	0	3

Tabela 2 – Percurso académico dos participantes (N=65)

	Direito (%)	Psicologia (%)	Total(%)
Curso que frequenta			
	43.1	56.9	100
Tem disciplinas em atraso			
Sim	32.3	24.6	56.9
Não	10.8	32.3	43.1

Instrumentos

Questionário sociodemográfico e de desempenho académico

Com a intenção de recolher os dados sociodemográficos e relativos ao desempenho académico dos participantes foi construído um questionário para o efeito, composto por duas partes (Dias, Dias & Conde, 2012). A primeira parte do questionário contempla itens como: idade, género, estado civil, nacionalidade, número de pessoas do agregado familiar, com quem vive o respondente, estatuto ocupacional do inquirido, do pai e da mãe e habilitações literárias do pai e da mãe. A segunda parte compreende questões sobre o percurso académico, sendo constituído por sete itens. O primeiro item desta segunda parte é comum a todos os sujeitos e define o curso a que pertence, o segundo, terceiro e quatro itens são exclusivamente destinados aos estudantes do curso de Direito e pretende avaliar as notas do 1º ano, a existência de disciplinas em atraso e a média ponderada do 1º ano. Os quinto, sexto e sétimo itens são destinados exclusivamente aos estudantes do curso de Psicologia e, tal como anteriormente, são utilizados para avaliar as notas do 1º ano, a existência de disciplinas em atraso e a média ponderada do 1º ano do 1º ciclo de estudos. A média ponderada foi calculada pelo investigador com base na atribuição de zero valores para as disciplinas em atraso e contemplando os

respetivos ETCS (sistema europeu de acumulação e transferência de créditos) de todas as disciplinas, concluídas ou não.

Escala EMBU Memórias de Infância

Para avaliar as práticas educativas parentais foi utilizada a escala EMBU Memórias de Infância (versão original, Perris, Jacobsson, Lindstrom, Knorring & Perris, 1984 – traduzido e adaptado para a população portuguesa por Canavarro, 1996). Esta escala tem sido frequentemente usada com sucesso em diferentes situações em que se pretende medir a frequência da ocorrência de determinadas práticas educativas praticadas pelo pai e pela mãe, durante a infância e adolescência dos sujeitos. A versão portuguesa da escala é composta por 23 itens referentes a cada um dos progenitores, sendo a ocorrência de determinada prática registada segundo uma escala tipo Likert de quatro pontos (não, nunca; sim, ocasionalmente; sim, frequentemente e sim, a maior parte do tempo). A análise fatorial desta escala permitiu a extração de três fatores, respetivamente: Suporte Emocional, Rejeição e Sobreproteção, referente ao pai e mãe (Canavarro, 1996).

A dimensão Suporte Emocional diz respeito aos comportamentos dos pais que fazem com que os filhos se sintam confortáveis e aceites como pessoas. Esta prática contempla comportamentos parentais como: aprovação, encorajamento, ajuda, compreensão, expressão verbal e física de amor e carinho. A dimensão Rejeição corresponde à intervenção dos progenitores na modificação da vontade dos filhos, exercendo pressão para que estes se comportem de acordo com os seus desejos. A dimensão Sobreproteção reflete um comportamento parental de contato excessivo e infantilização, de modo a não permitir que os filhos conquistem a sua independência.

Esta escala demonstra, quanto aos dados psicométricos, viabilidade científica. Quanto à análise da média dos itens, esta escala apresenta consistência interna, encontrando-se os valores do desvio padrão entre 0.529 e 0.965, o que permite considerar que os itens se encontram bem centrados. Os valores de *alpha de Cronbach* para medir a variância, tendo em conta a heterogeneidade dos itens, situam-se abaixo do valor indicado pela maioria dos

investigadores (0.7 e 0.8), sendo o valor para os itens do pai de 0.541 e o valor para os itens da mãe de 0.661. Segundo Canavarro (1996), apesar destes valores, a escala é representativa de um instrumento de boa consistência interna. Quanto à validade do instrumento, a análise de consistência interna mostra valores de *alpha* abaixo dos obtidos para a versão longa do instrumento original, isto talvez porque este instrumento é uma versão abreviada, mas, segundo a autora, mede as mesmas variáveis que a versão original.

Calculado o valor de *alpha de Cronbach* para os 46 itens (23 para o pai e 23 para a mãe) da escala para a presente amostra, obteve-se o valor de 0.802. Avaliada a consistência interna das subescalas deste instrumento, calculados individualmente para o pai e para a mãe os valores obtidos foram os seguintes: o valor de *alpha* contemplando os 7 itens para a subescala Suporte Emocional do pai é de, 0.879; Para a subescala Rejeição do pai com os 8 itens, o valor de *alpha de Cronbach* é de, 0.786; Para a subescala Sobreproteção do pai de *alpha de Cronbach* com os 6 itens é de, 0.486. O valor de *alpha de Cronbach* nas subescalas no que refere à mãe são os mencionados em baixo. Subescala do Suporte Emocional da mãe com os 7 itens, o valor de *alpha* é igual a 0.897; Quanto à subescala Rejeição da mãe contemplando os 9 itens, o valor de *alpha de Cronbach* apresentado é de 0.720; Para a subescala Sobreproteção da mãe tendo em conta os 7 itens, o valor de *alpha* é de 0.642.

Analisando estes valores, podemos dizer que a consistência interna, sem retirar nenhum dos itens das subescalas, apresenta valores elevados no que diz respeito ao Suporte Emocional do pai e da mãe. Os valores apresentados na subescala Rejeição do pai e da mãe são um pouco mais baixos mas, ainda assim, encontram-se dentro dos limites desejáveis. O mesmo já não se pode dizer quanto ao valor de *alpha de Cronbach* apresentado para a subescala Sobreproteção do pai e da mãe, uma vez que se encontram valores abaixo dos aceitáveis, principalmente no que se refere à dimensão do pai, que apresenta um valor extremamente baixo. Tal pode ser indicativo de alguma inconsistência nos itens desta dimensão Sobreproteção do pai. Mas, tal como já referenciamos anteriormente, e segundo Canavarro (1996), a baixa consistência interna desta subescala poderá estar associada ao facto de ser uma versão abreviada, até porque se analisarmos conjuntamente

para o pai e para a mãe esta dimensão, o valor de *alpha* é de 0.864, o que é um valor relevante.

Escala de Auto Estima de Rosenberg (RSES)

Para analisar a auto estima dos intervenientes, recorreremos à escala de avaliação global da Auto Estima de Rosenberg (RSES). (versão original Rosenberg, 1965 – Traduzido e adaptado por Santos & Maia, 2003). É uma escala simples, composta por 10 itens, cinco de orientação positiva (item 1; 3; 4; 7 e 10) e cinco de orientação negativa (2; 5; 6; 8 e 9). Os resultados totais variam entre 10 e 40 e quanto mais elevados forem os resultados obtidos na escala, mais elevada é a auto estima dos participantes. Este instrumento é composto por uma escala tipo *Likert* como alternativa de resposta (concordo fortemente; concordo; discordo e discordo fortemente).

Esta escala avalia um constructo unidimensional e apresenta características psicométricas muito positivas. O *alpha de Cronbach*, que avalia a consistência interna, varia entre 0,86 e 0,92, sendo este resultado muito satisfatório, a estabilidade temporal em tempos curtos avaliada com o coeficiente de correlação corresponde a 0,90. Estes valores foram validados, por Santos e Maia (2003), numa amostra de adolescentes. Contudo, posteriormente, foi validada numa amostra de estudantes universitários, continuando a demonstrar consistência interna satisfatória e as correlações entre o resultado global da escala e auto conceito, satisfação de vida (variáveis teoricamente relacionadas com auto estima) são estatisticamente significativas e de magnitude elevada (Santos, 2006).

Na presente amostra o valor de *alpha de Cronbach* com os 10 itens é de 0.837.

Questionário de Qualidade de Vida (WHOQOL-BREF)

Quanto ao questionário de qualidade de vida, WHOQOL-BREF (traduzido e adaptado por Vaz Serra, Canavarro, Simões, Pereira, Gameiro,

Quartilho et al; 2006), este apresenta 26 questões repartidas por quatro domínios: Meio ambiente (cuidados de saúde, segurança, lazer); Relações sociais (apoio social, relações pessoais); Psicológico (sentimento negativo e positivo, memória, concentração e pensamento) e Físico (mobilidade, energia, dor). As questões desta escala estão formuladas de forma positiva e negativa, devendo os itens formulados negativamente ser invertidos, para se efetuar a sua cotação. Quanto mais elevado for o resultado obtido na escala, maior é a percepção de qualidade de vida do sujeito na respetiva dimensão avaliada. O instrumento apresenta bons índices de consistência interna, logo os seus resultados patenteiam precisão e estabilidade temporal. No WHOQOL-BREF “os valores obtidos no coeficiente de *Cronbach* para as questões ou para os domínios, atestam uma consistência interna satisfatória” (Fleck, Louzada, Xavier, Chamovich, Vieira, Santos et al, 2000, p.180).

Na nossa amostra, o valor de *alpha de Cronbach* para a escala total de qualidade de vida, contemplando os 26 itens, é de 0.887. Para as subescalas qualidade de vida físico, psicológico, relações sociais e do ambiente, os valores de *alpha de Cronbach* são respetivamente os seguintes: 0.728; 0.808; 0.629 e 0.739.

Quanto à subescala de qualidade de vida geral, com os dois itens atribuídos a esta dimensão, o valor de *alpha Cronbach* é de 0.283. Este valor encontra-se muito abaixo dos valores aceitáveis, contudo, isto poderá estar relacionado com o número reduzido dos itens e com a sua especificidade. Um dos itens é muito abrangente e contempla a qualidade de vida geral, o outro é singular e está direcionado para a saúde, sendo assim, é difícil considerar que existe um fator comum, uma vez que as pessoas podem ser saudáveis, mas sentirem lacunas a outros níveis da sua qualidade de vida.

Procedimento

Os dados foram recolhidos numa universidade particular na cidade do Porto, tendo sido garantida a privacidade e confidencialidade dos intervenientes. Na implementação da presente investigação, foram cumpridos todos os requisitos éticos exigidos. Primeiramente foi apresentado ao

estabelecimento de ensino um pedido de autorização para levar a cabo este projeto, explicando detalhadamente qual o objetivo e quais os procedimentos do mesmo. Após autorização por parte dos órgãos diretivos da universidade para a implementação do presente estudo, foi recolhida uma amostra de conveniência tendo em consideração os seguintes critérios de inclusão: frequência do 2º ano dos cursos de Direito e Psicologia pelo facto de terem mais alunos. Os docentes serviram de mediadores entre o investigador e os alunos. A aplicação dos instrumentos foi efetuada num único momento e em contexto de sala de aula, de acordo com a disponibilidade do respetivo docente.

Neste contexto foi feita a descrição sumária dos objetivos do estudo, solicitada a colaboração voluntária e garantida a confidencialidade. Após a assinatura do consentimento informado pelos participantes, iniciou-se a recolha de dados na presença do docente da disciplina e do investigador, estando este último disponível para elucidar sobre alguma dúvida que surgisse nos inquiridos. Os alunos foram orientados para o preenchimento individual e de forma sigilosa dos questionários e foram ainda instruídos para a sua entrega quando terminassem.

Procedimentos estatísticos

Os dados recolhidos foram analisados estatisticamente através do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 18. Este *software* permite introdução dos dados recolhidos, a sua validação e análise.

Os resultados da presente investigação foram descritos e analisados em três etapas, conforme os objetivos determinados.

Na primeira etapa, foi realizada uma análise descritiva dos dados, com o objetivo de caracterizar e descrever a amostra a nível sociodemográfico e percurso académico. Numa segunda etapa, desenvolveram-se análises correlacionais através do teste de correlação de *Pearson*, para verificar a relação existente entre as variáveis do estudo, de modo a compreender quais as variáveis independentes respeitantes às diferentes dimensões das práticas

educativas parentais que se associam a cada variável dependente (auto estima, qualidade de vida e desempenho acadêmico).

Por último, depois de determinarmos quais as variáveis correlacionadas e tipo de correlação apresentada (negativa ou positiva), foram realizadas análises de regressão envolvendo todas as dimensões das práticas educativas parentais do pai e da mãe, anteriormente correlacionadas com cada uma das variáveis dependentes (auto estima, domínios da qualidade de vida e desempenho acadêmico) como variáveis preditoras/fatores dos respectivos modelos.

RESULTADOS

1) Práticas educativas parentais e auto estima.

Foram analisadas as correlações, entre as práticas educativas parentais do pai e da mãe (considerando individualmente as subescalas de Suporte Emocional, Rejeição e Sobreproteção) e os resultados totais obtidos na escala de auto estima de Rosenberg, através do coeficiente de correlação de *Pearson*, verificando-se uma associação positiva estatisticamente significativa desta última variável com o suporte emocional do pai ($r = .344$; $p = .005$). Quanto às práticas educativas parentais nas dimensões Rejeição do pai ($r = -.107$; $p = .396$), Sobreproteção do pai ($r = -.008$; $p = .952$), Suporte Emocional da mãe ($r = .100$; $p = .430$), Rejeição da mãe ($r = -.039$; $p = .758$) e Sobreproteção da mãe ($r = -.028$; $p = .823$), estas não apresentaram associação significativa na variável dependente auto estima.

Seguidamente foi analisado o efeito preditor da dimensão de práticas parentais que se apresentou significativamente correlacionada com a auto estima, introduzindo a variável, Suporte Emocional do pai, no modelo de regressão linear pelo método *enter*. Verificou-se que este modelo é significativo na predição da variável dependente, explicando 10% da variabilidade total observada na auto estima ($F(1,63) = 8.46$; $p = .005$). Segundo este modelo um maior suporte emocional do pai permite prever uma maior auto estima ($\beta = .344$; $t(63) = 2.91$; $p = .005$).

2) Práticas educativas parentais e facetas da qualidade de vida

a) Qualidade de vida geral

Tal como anteriormente, foram examinadas individualmente as dimensões das práticas educativas parentais do pai e da mãe e a sua relação com as facetas da qualidade de vida.

Observou-se uma associação positiva estatisticamente significativa no que concerne à dimensão Suporte Emocional do pai e a faceta da qualidade de vida geral ($r = .390$; $p = .001$). Quanto às dimensões das práticas educativas parentais, Rejeição do pai ($r = -.082$; $p = .517$); Sobreproteção do pai ($r = -.056$; $p = .655$); Suporte Emocional da mãe ($r = .200$; $p = .110$); Rejeição da mãe ($r = -.122$; $p = .333$) e Sobreproteção da mãe ($r = -.064$; $p = .615$), estas não apresentam nenhum tipo de associação significativa com a variável dependente qualidade de vida geral.

Seguidamente foi analisado o efeito preditor da dimensão de práticas parentais que se apresentou significativamente correlacionada com a faceta da qualidade de vida geral, introduzindo a variável, Suporte Emocional do pai, no modelo de regressão linear pelo método *enter*, verificando-se que este modelo é significativo na predição da variável dependente, explicando 14% da variabilidade total observada na faceta qualidade de vida geral ($F(1,63) = 11.29$; $p = .001$). Segundo este modelo um maior suporte emocional do pai permite predizer uma maior qualidade de vida geral ($\beta = .390$; $t(63) = 3.36$; $p = .001$).

b) Qualidade de vida no domínio físico.

A análise de dados demonstra uma associação positiva estatisticamente significativa entre a dimensão Suporte Emocional do pai e a faceta física da qualidade de vida ($r = .336$; $p = .006$). Observou-se, ainda, uma associação negativa estatisticamente significativa entre a dimensão Rejeição do pai e a mesma faceta da qualidade de vida ($r = -.323$; $p = .009$). As dimensões das

práticas educativas parentais, Sobreproteção do pai ($r = -.219$; $p = .080$); Suporte Emocional da mãe ($r = .144$; $p = .252$); Rejeição da mãe ($r = -.136$; $p = .278$) e Sobreproteção da mãe ($r = -.146$; $p = .245$) não apresentam nenhuma relação com esta faceta da qualidade de vida.

Seguidamente foi analisado o efeito preditor das dimensões de práticas parentais que se apresentaram significativamente correlacionadas com a qualidade de vida no domínio físico, introduzindo estas variáveis, Suporte Emocional e Rejeição do pai, no modelo de regressão linear pelo método *enter*. Verificou-se que este modelo é significativo na predição da variável dependente qualidade de vida a nível físico ($F(2,62) = 5.16$; $p = .008$), embora segundo este modelo nem o Suporte Emocional do pai ($\beta = .230$; $t(62) = 1.67$; $p = .100$) nem a Rejeição do pai ($\beta = -.202$; $t(62) = -1.47$; $p = .147$) isoladamente aparecem como preditores significativos deste domínio da qualidade de vida.

c) Qualidade de vida no domínio psicológico.

Quando analisadas as correlações entre as dimensões, das práticas educativas parentais e a faceta psicológica da qualidade de vida, verificou-se uma associação positiva estatisticamente significativa entre esta última variável e as dimensões das práticas educativas, Suporte Emocional do pai ($r = .489$; $p = .000$) e Suporte Emocional da mãe ($r = .403$; $p = .001$) e uma associação negativa estatisticamente significativa entre esta variável dependente e as dimensões Rejeição do pai ($r = -.247$; $p = .047$) e Rejeição da mãe ($r = -.279$; $p = .024$). As dimensões das práticas educativas parentais, Sobreproteção do pai ($r = -.169$; $p = .178$) e da mãe ($r = -.166$; $p = .186$), não apresentam nenhum tipo de associação com esta faceta da qualidade de vida.

Quando estas variáveis foram analisadas no modelo de regressão linear pelo método *enter*, verificou-se que 21% da variabilidade total observada na faceta psicológica da qualidade de vida é explicada pela conjugação destas variáveis ($F(4,60) = 5.36$; $p = .001$). No entanto, segundo este modelo apenas a dimensão Suporte Emocional do pai ($\beta = .493$; $t(60) = 2.80$; $p = .007$) é significativo na predição da variável dependente, ao contrário do que acontece com as dimensões das práticas parentais Suporte Emocional da mãe ($\beta = .013$;

$t(60) = .071$; $p = .944$) Rejeição do pai ($\beta = .199$; $t(60) = 1.03$; $p = .307$) e Rejeição da mãe ($\beta = -.236$; $t(60) = -1.21$; $p = .231$), as quais não aparecem com preditores significativos. Segundo este modelo um maior Suporte Emocional do pai permite prever uma maior qualidade de vida no domínio psicológico.

d) Qualidade de vida no domínio do ambiente

Verificou-se uma associação positiva estatisticamente significativa entre a dimensão das práticas parentais Suporte Emocional do pai e a qualidade de vida relativa ao ambiente ($r = .367$; $p = .003$), o mesmo acontecendo com a dimensão Suporte Emocional da mãe ($r = .265$; $p = .033$). Quanto às dimensões Rejeição do pai ($r = -.223$; $p = .075$) e da mãe ($r = -.196$; $p = .118$); Sobreproteção do pai ($r = .034$; $p = .791$) e da mãe ($r = .031$; $p = .807$), os resultados obtidos não apresentam nenhum tipo de associação estatisticamente significativa.

Quando as variáveis foram analisadas no modelo de regressão linear pelo método *enter*, verificou-se que 11% da variabilidade total observada na faceta psicológica da qualidade de vida é explicada pela conjugação destas variáveis ($F(2,62) = 4.84$; $p = .011$). No entanto, segundo este modelo apenas a dimensão Suporte Emocional do pai ($\beta = .368$; $t(62) = 2.16$; $p = .035$) é significativo na predição da variável dependente, qualidade de vida no domínio do ambiente, ao contrário do que acontece com a dimensão Suporte Emocional da mãe ($\beta = .000$; $t(62) = -.002$; $p = .999$), que não aparece como preditor. Segundo este modelo quanto maior for o suporte emocional do pai maior é a qualidade de vida no domínio do ambiente.

e) Qualidade de vida no domínio das relações sociais

Os resultados obtidos através da correlação de *Pearson* demonstram uma associação negativa estatisticamente significativa entre a dimensão das práticas parentais Sobreproteção do pai e o domínio das relações sociais ($r = -.274$; $p = .027$). Quanto às dimensões Suporte Emocional do pai ($r = .131$; $p = .298$) e da mãe ($r = .051$; $p = .688$); Rejeição do pai ($r = -.064$; $p = .611$) e da mãe

($r = .059$; $p = .642$); Sobreproteção da mãe ($r = -.172$; $p = .172$), os resultados obtidos não apresentaram nenhum tipo de associação estatisticamente significativa.

Inserindo esta variável Sobreproteção do pai no modelo de regressão, verificou-se que este modelo é significativo na predição da variável dependente, explicando 6% da variabilidade total observada na qualidade de vida a nível das relações sociais ($F(1,63) = 5.13$; $p = .027$). Segundo este modelo quanto maior for a sobreproteção do pai menor é qualidade de vida no domínio das relações sociais ($\beta = -.274$; $t(63) = -2.74$; $p = .027$).

3) Práticas educativas parentais e desempenho académico

Não se verificaram correlações significativas entre nenhuma das dimensões das práticas educativas parentais do pai e da mãe, Suporte Emocional do pai ($r = -.082$; $p = .515$); Rejeição do pai ($r = -.049$; $p = .699$); Sobreproteção do pai ($r = .055$; $p = .666$); Suporte Emocional da mãe ($r = .071$; $p = .572$); Rejeição da mãe ($r = -.065$; $p = .608$) e Sobreproteção da mãe ($r = -.051$; $p = .684$), e o desempenho académico dos participantes.

DISCUSSÃO

Nesta investigação, um dos principais objetivos definidos incidiu sobre a análise do impacto das práticas educativas parentais dos pais e das mães na auto estima, qualidade de vida e desempenho académico dos estudantes do ensino superior. Os dados foram recolhidos numa amostra de estudantes universitários de dois cursos (Direito e Psicologia).

A este nível, os resultados do presente estudo parecem consensuais com a investigação prévia que demonstra o impacto das práticas educativas parentais no desenvolvimento dos indivíduos.

Nos resultados deste estudo, um dos aspetos que merece especial atenção relativamente à influência das práticas educativas parentais é efetivamente o papel e influência do pai. De forma particular, foi encontrada uma associação positiva estatisticamente significativa entre a dimensão das práticas educativas parentais Suporte Emocional do pai e resultado total da auto estima. Acontecendo o mesmo no que se refere à qualidade de vida, geral, à qualidade de vida no domínio físico, psicológico e do ambiente. Constatou-se, ainda, que essa dimensão das práticas educativas parentais permite predizer a auto estima, a qualidade de vida geral, o domínio psicológico da qualidade de vida e a qualidade de vida no domínio do ambiente dos participantes. Também a dimensão da qualidade de vida no domínio das relações sociais é influenciada unicamente pela prática educativa do pai, Sobreproteção, sendo possível predizer esta dimensão da qualidade de vida.

Quando verificamos os resultados estatísticos, aferimos que as práticas educativas do pai apresentam impacto na auto estima, este constructo é influenciado e predito unicamente pela prática educativa do pai Suporte Emocional. Quanto à qualidade de vida geral, este domínio é também influenciado e predito unicamente pela mesma prática educativa, Suporte Emocional do pai. O domínio físico da qualidade de vida sofre impacto das práticas educativas parentais, Suporte Emocional do pai e Rejeição do pai, embora estas práticas educativas não permitam predizer este domínio da qualidade de vida. Verificou-se, ainda, impacto no domínio psicológico da qualidade de vida das práticas educativas do pai e da mãe Suporte Emocional e Rejeição, contudo, só a dimensão Suporte Emocional do pai permite predizer esta faceta da qualidade de vida. A qualidade de vida no domínio do ambiente é também influenciada pelas práticas parentais do pai e da mãe Suporte Emocional, no entanto, só o Suporte Emocional do pai permite a predição desta faceta da qualidade de vida.

Por último queremos destacar o impacto da dimensão Sobreproteção do pai, que é a única pratica educativa parental que exhibe influência (associação negativa) na qualidade de vida das relações sociais, apresentando ainda resultados preditivos para esta faceta.

Tendo em conta os resultados apresentados anteriormente quanto à auto estima dos sujeitos e à associação positiva com a dimensão Suporte

Emocional do pai, estes resultados demonstram que, quanto maior for o Suporte Emocional do pai, maior será a auto estima dos sujeitos. Sendo assim, podemos dizer que este resultado se torna interessante se consideramos um estudo longitudinal recente efetuado por Lam, McHale & Crouter (2012) com 188 famílias durante sete anos e com filhos com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos. O estudo demonstra que os adolescentes que passam mais tempo com os progenitores, especialmente com o pai, apresentam auto estima mais elevada, sendo este indicativo mais acentuado no género masculino. Faz então sentido estabelecer um elo entre este resultado e o resultado da nossa investigação, exceto no que diz respeito ao género, que nesta investigação não foi objetivo de estudo, sendo a nossa amostra maioritariamente feminina.

O Suporte Emocional parental contempla comportamentos que fazem com que os filhos se sintam confortáveis e aceites como pessoas, comportamentos que investem na aprovação, encorajamento, ajuda, compreensão, expressão verbal e física de amor e carinho. Por sua vez, a auto estima é um conceito que tem como base a forma como a pessoa se vê, o valor e as competências que considera ter, o que pensa das representações que as pessoas constroem sobre si. Sendo assim, parece-nos plausível que, quando o pai demonstra comportamentos de Suporte Emocional, exista uma justificação para que auto estima dos filhos se eleve. É natural que, quando os filhos sentem que estão rodeados de amor, carinho, compreensão, apoio e encorajamento, se sintam mais capazes, mais aceites, acreditem mais nas suas competências e se vejam como pessoas com valor.

Um outro estudo longitudinal realizado por Jia e Schoppe-Sullivan (2011), efetuado com famílias biparentais com filhos de idade até aos 4 anos, com o objetivo de perceber o envolvimento do pai e coparentalidade, demonstra que os pais que passam mais tempo com os filhos em atividades comuns conseguem dotá-los de mais competências, confiança e autonomia, o que pode justificar os resultados encontrados.

Como já referimos, a qualidade de vida geral e nos domínios físico, psicológico e do ambiente, estão também correlacionadas positivamente com o Suporte Emocional do pai. Em todos estes indicadores de qualidade de vida, exceto na dimensão de qualidade de vida físico, o Suporte Emocional do pai permite nomeadamente predizer as dimensões referenciadas de modo que,

quanto maior for o Suporte Emocional do pai, maior será a qualidade de vida percebida nos domínios, geral, psicológico e do ambiente. O Suporte Emocional da mãe, também apresenta um impacto significativo nas dimensões de qualidade de vida, psicológica e do ambiente. Já a dimensão Rejeição da mãe está correlacionada negativamente com a qualidade de vida psicológica, embora estas variáveis das práticas educativas maternas não permitam prever esta dimensão. Um estudo efetuado com 12 famílias e levado a cabo por Jia, Kotila e Schoppe-Sullivan (2012) para identificar de que forma se relaciona o envolvimento do pai com o ajuste emocional das crianças, determinou que o envolvimento do pai em jogos e outras atividades permite ajustar comportamentos e aumentar a competência social dos filhos.

A dimensão Rejeição do pai, apesar de não permitir prever a qualidade de vida dos domínios físico e psicológico, apresenta com estas dimensões uma associação negativa, tal como a dimensão Rejeição da mãe que está correlacionada negativamente com a qualidade de vida psicológico. Segundo Steinberg e Morris (2001), durante a adolescência existe uma degradação das relações, um aumento das disputas e contendas entre os adolescentes e seus pais, no entanto, estes efeitos apesar de psicologicamente desgastantes para os pais e de grande desajuste para o desenvolvimento psicológico dos adolescentes, tendem a minimizar com o passar do tempo e a relação pai/adolescente passa a ser menos controversa, mais igualitária e menos inconstante.

Outra dimensão das práticas educativas do pai, Sobreproteção, apresenta uma associação negativa e é também preditora da qualidade de vida das relações sociais. O resultado encontrado permite indiciar que, quanto mais os filhos forem sobre protegidos pelo pai, menos desenvolvem as suas competências sociais, o que implica dificuldades futuras nas suas relações sociais. Este resultado é congruente, tendo em consideração a definição de Sobreproteção que nos indica relações paternas de contato e controlo excessivo, infantilização dos atos dos filhos de forma a não permitirem que sejam autónomos. Estes comportamentos dos pais vão condicionar os filhos, não permitindo que estes se sintam capazes de se relacionarem socialmente. O estudo supramencionado refere que os jovens que passavam mais tempo com os pais e que são incentivados a agir apresentavam mais confiança em si

próprios e apresentam maior facilidade em socializar (Jia, Kotila & Schoppe-Sullivan, 2012). Já esta dimensão da mãe, Sobreproteção não apresenta nenhuma associação significativa com nenhuma das variáveis dependentes deste estudo. De forma congruente, Silva e Costa (2005) referem investigações que demonstram que os laços emocionais dos jovens com os pais, no que diz respeito à Rejeição e Sobreproteção, acarretam disfuncionalidades a nível psicológico.

Para Darling e Steinberg (1993), durante décadas, o estudo sobre a socialização dos jovens no contexto familiar, tem sido muito popular. Desde o interesse demonstrado com os estudos iniciais de Baumrind, as influências parentais no desenvolvimento de competências das crianças têm demonstrado que, as crianças cujos pais apresentam autoridade quente e firme apresentam maiores níveis de competências e maturidade psicossocial, comparativamente com os seus pares, cujos pais são permissivos, autoritários e/ou indiferentes (Steinberg & Morris, 2001). Os mesmos autores concluem que os diversos estudos sobre adolescentes/pais permitem identificar que a autoridade parental está associada a uma vasta gama de vantagens psicológicas e sociais na adolescência e na infância.

Estes resultados podem demonstrar que, conforme nos orienta Malpique (1998), “A função materna é instrumental no que respeita às competências de autonomia pessoal e de manutenção da família” (p. 27). A mesma autora classifica o papel do pai como tendo a função de dar “uma nova dimensão ao funcionamento psíquico, e permite a inserção do homem na sociedade” (ibidem). O papel da mãe assume, na educação, uma função reguladora, fomenta a autonomia e serve de alicerce para a família. Por sua vez, o papel de pai implica o desenvolvimento e estabilidade psíquica e possibilita a inclusão social. De modo complementar, para Lam, McHale e Crouter (2012), o papel da mãe já está tão interiorizado na vida das crianças e jovens que os benefícios facilmente podem passar despercebidos.

Os nossos resultados quanto as práticas educativas do pai vão ao encontro de um estudo levado a cabo por Cia, Pereira, Del Prette e Del Prette (2006), que demonstra a forma como o papel do pai tem vindo a alterar ao longo dos tempos. O pai tem vindo a assumir uma função mais interventiva na educação dos filhos. No nosso estudo, isto poderá ser explicado, tendo em

conta a significância que o pai apresenta nas diversas facetas da qualidade de vida dos jovens adultos e na sua auto estima.

Não é por um acaso que nas últimas décadas o interesse pelo envolvimento paterno no desenvolvimento da criança e a sua influência no contexto familiar tem vindo a aumentar (e.g. Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008; Pimenta, Veríssimo Monteiro & Costa, 2010). A figura paterna tradicional representativa de autoridade, disciplina e distanciamento emocional dos filhos tem vindo a ser substituída por uma figura paterna mais presente, ativa, sensível, compreensível, dialogante, que se envolve afetivamente com os filhos, apesar de continuar a partilhar a autoridade (Pimenta, Veríssimo Monteiro & Costa, 2010). É então compreensivo que os resultados do nosso estudo demonstrem a importância que o pai apresenta no desenvolvimento humano e a relevância e influência das suas práticas nas diversas facetas da qualidade de vida e na auto estima dos indivíduos. Um estudo efetuado pelos autores supra mencionados e realizado com 338 famílias bi-parentais, casados ou em união de facto e com filhos pequenos, demonstra exatamente a alteração do papel paterno face à educação, interação e socialização com os filhos, principalmente no que concerne ao envolvimento paterno nas brincadeiras e lazer.

Uma investigação com 44 díades mãe/criança e pai/criança, realizada na Unidade de Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, demonstra que, quanto maior é o envolvimento e participação do pai na educação e crescimento da criança, melhor é a relação que estabelecem, apresentando o pai como fundamental para o desenvolvimento sócio emocional da criança (Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008). A presença e participação do pai em atividades lúdicas (brincadeira e lazer) tornam as crianças mais responsáveis e competentes em termos sociais (Afonso, Veríssimo, Fernandes, Borges & Monteiro, 2011).

Uma curiosidade que podemos retirar destes resultados refere-se ao facto de, ao contrário do que seria de esperar e do que é suportado pela literatura, no que toca aos indicativos de desempenho académico, não termos encontrado uma relação significativa com nenhuma das dimensões das práticas educativas parentais.

Isto poderá estar associado à idade e ao momento de vida dos jovens adultos. De acordo com um estudo efetuado por Silva e Costa (2005), sobre vinculação (apesar desta dimensão ser diferente de práticas educativas parentais, consideramos um constructo associado e hipoteticamente explicativo dos resultados encontrados) aos pais e ansiedade em jovens adultos, efetuado com 511 jovens portugueses (Porto), todos estudantes universitários de vários cursos, com idades entre os 17 e 26 anos, os resultados gerais demonstraram “relações significativas baixas da qualidade de laço emocional e inibição da exploração e individualidade à mãe e ao pai”, assim como correlações positivas baixas entre “a dimensão ansiedade de separação e dependência à mãe e ao pai” (p.9). Tal poderá indicar que, nesta fase do ciclo vital de transição para um novo momento de vida, criação de um projeto profissional futuro, os jovens mais do que estarem concentrados na importância dos pais na sua vida, estão focados em definir o seu destino profissional, investindo na sua educação de forma a obterem uma realização pessoal e autonomia económica (Andrade, 2010). Segundo Silva e Costa (2005), estudos efetuados por Armsden e Greenberg (1987) com jovens adultos, demonstram que uma vinculação segura aos pais, promove nos jovens uma visão positiva de si e fazem com que apresentem menos queixas sintomáticas perante acontecimentos adversos. Os indivíduos com uma vinculação segura expõem ainda uma maior capacidade para se adaptarem à mudança e aceitarem melhor novas informações, são mais flexíveis na forma de estar e de agir (Lyddon & Sherry, 2001). Como já referimos anteriormente, vinculação não é exatamente o mesmo que práticas educativas parentais, mas podemos considerar um domínio associado, uma vez que o tipo de vinculação também depende em grande parte dos comportamentos dos pais com os filhos.

Apesar dos resultados analisados na nossa investigação, quanto à influência das práticas educativas parentais no desempenho académico não estarem de acordo com os resultados de outros estudos, é importante expor que os estudos encontrados e pesquisados eram constituídos por amostras com crianças ou adolescentes. Nesta linha, os investigadores Lam, McHale e Crouter (2012), concluíram que, apesar de a adolescência ser um período de transição e por vezes de afastamento, consequência da independência e da

evolução dos filhos, a partilha de momentos de qualidade entre os jovens e os seus pais é fundamental para o desenvolvimento individual e bem-estar.

Monteiro e Veríssimo (2007) mencionam alguns autores (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1969/1982; 1988; Marvin & Britner, 1999) que defendem que, apesar da vinculação ser considerada normativa na infância, permanecem durante todo ciclo vital, os laços vinculativos com os progenitores. Estes laços não terminam na adolescência ou na idade adulta, o que altera é o número de domínios que afetam (que diminuem) e a ordem de importância das figuras significativas, pois, em determinada altura, os pais deixam de ter um papel primário sendo substituídos pelos parceiros românticos. “O sistema de controlo que regula as relações criança/adulto é o mesmo que regula as relações adulto/adulto, apesar das especificidades das relações” (pp. 11/12).

CONCLUSÕES

Este estudo permite inferir a importância das práticas educativas parentais do pai, particularmente no desenvolvimento dos jovens adultos. Julgamos que, em termos teóricos e metodológicos, este estudo contribuiu para o esclarecimento da influência das práticas educativas parentais na auto estima, qualidade de vida e desempenho académico nos estudantes do ensino superior.

Através dos resultados obtidos neste estudo, podemos dizer que, tal como vem sendo descrito por vários investigadores, as práticas educativas parentais podem comprometer várias áreas do desenvolvimento do sujeito, sendo estas de dimensão psicológica, física e social. Outro importante resultado desta investigação consiste na inexistência de relações entre o desempenho académico dos estudantes do ensino superior e as práticas educativas parentais.

Consideramos este estudo pertinente e inovador pela escolha da amostra (jovens adultos), dado que as investigações em torno destas matérias envolvem maioritariamente amostras de crianças ou adolescentes. No entanto, esta amostra, apesar de inovadora no que toca à faixa etária contemplada, apresenta limitações que se prendem com a aplicação de um procedimento de

recolha de conveniência. Devido a algumas condicionantes, como escassez de tempo, número de participantes e habilitações literárias dos mesmos, foram selecionados elementos da população que estavam mais disponíveis, em cursos com os quais tínhamos mais facilidade de suporte por parte dos docentes e com um maior número de alunos. Outra limitação a que importa aludir, é o facto de esta amostra ser maioritariamente feminina, o que não permite uma leitura rigorosa dos resultados devido ao efeito do género nos mesmos. Assim, esta amostra não pode ser considerada representativa, o que impossibilita a extrapolação dos resultados obtidos para o universo da população.

Tal como referido, esta investigação vem demonstrar o impacto das práticas parentais na vida de jovens adultos, principalmente no que confere ao papel do pai e às suas práticas parentais. Como reitera Guralnick (1997), são inúmeras as investigações que demonstram que o desenvolvimento das crianças depende fundamentalmente do contexto familiar em que a criança está inserida. Este desenvolvimento depende muito dos padrões de interações pais-crianças e do tipo de vivências e experiências que a família propicia à criança.

Consideramos a mais-valia deste estudo o facto de demonstrar que as práticas educativas parentais, principalmente do pai, determinam a vida dos jovens adultos, a nível físico, psicológico, social e ambiental (auto estima e algumas facetas da qualidade de vida), embora não tenha demonstrado uma associação significativa entre essas práticas educativas e o desempenho académico, ao contrário do apontado por estudos prévios, isto poderá refletir a opção metodológica de avaliar o desempenho académico através da média ponderada das notas dos participantes.

Apesar de tudo, parece-nos pertinente, na sequência do presente estudo, realizar uma nova investigação que permita esclarecer como é que os jovens adultos, que já ultrapassaram a fase da adolescência, vivenciaram o momento da entrada na faculdade, a progressiva separação das figuras parentais e a aproximação a outras figuras significativas, reagem. Seria também interessante perceber se o facto de já apresentarem mais autonomia, mais responsabilidade e atribuírem outro tipo de importância ao seu

crescimento acadêmico, faz com que desvalorizem a importância das práticas educativas parentais a esse nível.

Para Andrade (2010), os jovens adultos estão numa fase importante da sua vida em que se preparam para a aquisição de uma profissão futura, logo têm de investir e prosseguir com os seus projetos vocacionais de forma a atingirem os seus objetivos, que, neste momento das suas vidas, são prioritários. É também nesta fase que se está a solidificar a transição para adulto, o que obriga a um processo de emancipação em relação à família e um aumento da sua autonomia (Andrade, 2010). Para Steinberg e Morris (2001), estudos longitudinais indicam que a influência dos pais durante a infância condiciona as escolhas dos adolescentes, mas acrescentam, ainda, que o desenvolvimento dos adolescentes é afetado pela interação e influência genética familiar, mas também por vários componentes ambientais tais como as redes sociais, influência da vizinhança e dos pares, uma variedade de condições contextuais. Sendo assim, seria importante indagar se os adultos conseguem ultrapassar algumas lacunas provocadas pelas práticas parentais dos progenitores que os condicionaram enquanto crianças, devido a aquisições externas e dos contextos em que estão inseridos. Paralelamente seria ainda interessante perceber de que forma o papel do pai marca a educação e determina o desenvolvimento humano a vários níveis (auto estima e facetas da qualidade de vida).

Tendo em conta a escassez de artigos sobre a influência das práticas parentais em jovens adultos ou adultos, consideramos oportuno desenvolver este assunto em estudos futuros, pois são um contributo muito importante para a nossa atuação como profissionais da educação e desenvolvimento, permitindo elucidar os pais sobre a forma como agem com os seus filhos e perceber de que modo essas práticas condicionam os jovens adultos.

Em suma, julgamos que este estudo contribuiu para consolidar a vertente prática profissional de um psicólogo da educação e da orientação, pois alerta para a importância da família e principalmente para o papel do pai na educação e desenvolvimento dos filhos. Os resultados demonstram que o envolvimento do pai de forma adequada permite munir as crianças de competências pessoais, sociais e cognitivas mais ajustadas. Isto pode ser um

indicativo para a necessidade dos psicólogos trabalharem com as famílias assumindo uma atitude mais ativa junto dos pais de forma a elucidá-los dos benefícios da sua colaboração e presença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, A., Veríssimo, M., Fernandes, M., Borges, P., & Monteiro, L. (2011). Associações entre o envolvimento paterno e a competência social de crianças em contexto pré-escolar. *Revista Psicologia Educação Cultura*, 15(1), 15-43.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 28(2), 255-267.
- Andrade, D. & Angerami, E. (2001). A auto-estima em adolescentes com e sem fissuras de lábio e/ou de palato. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 9(6), 37-41.
- Araújo, A. (2003) Percepção dos estilos educativos parentais e ajustamento psicológico do adulto - comparação entre indivíduos com e sem perturbações depressivas. *Paidéia*, 12(24), 215-227.
- Belsky, J. (2005). Social-contextual determinants of parenting. Institute for the Study of Children, Families and Social Issues. *Encyclopedia on Early Childhood Development*. Birkbeck University of London: Montreal, Quebec, 1-6. [http://www.child-encyclopedia.com/documents/Belsky ANGxp-Parenting.pdf](http://www.child-encyclopedia.com/documents/Belsky%20ANGxp-Parenting.pdf).
- Benavente, A. & Salgado L. (1991) Práticas culturais, modos de vida e escolarização. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 33, 243-252.
- Benavente, A., Costa, A. & Machado, F. (1990). Práticas de mudança e de investigação – Conhecimento e intervenção na escola primária. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29, 55-80.
- Boeckel M. & Sarriera J. (2006). Estilos parentais, estilos atribucionais e bem-estar psicológico em jovens universitários. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(3), 53-65.

- Bradley, R. & Corwyn, R. (2002). Socioeconomic status and child development. *Annual Review of Psychology*, 53, 371–399.
- Camacho, I. & Matos, M. (2007). Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento académico em adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 3(3).
- Campos, D. & Cruz, O. (2011). Questionário de Estilos Parentais (QEP) Revisitado. Universidade do Porto, *Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação*, (1641-1654)
- Canavarro, M.C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Canavarro, M.C., Pereira, M., Simões, M., Pintassilgo, A., Pinto Ferreira, A., & Pinto Ferreira, A. (2008). Estudos psicométricos da versão portuguesa (de Portugal) do instrumento de avaliação da qualidade de vida na infecção VIH da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-HIV). *Psicologia, Saúde e Doenças*, 9(8), 15-28.
- Canavarro, M.C., Pereira, M., Moreira, H. & Paredes, T. (2010). Qualidade de vida e saúde: aplicações do WHOQOL. *Alicerces*, 3(3), 243-68.
- Cia, F., Pereira, C., Del Prette, Z. & Del Prette A. (2006). Habilidades Sociais Parentais e o relacionamento entre pais e filhos. *Psicologia em estudo*, Maringá, 11(1) 73-81.
- Coll, C., Marchesi, A., Palácios, J. & Col. (2004). *Desenvolvimento psicológico e educação – Psicologia evolutiva*. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed Editora S.A.

- Conde, A., Figueiredo, B., Tendais, I., Pereira, A., Afonso, E. & Nogueira, R. (2008). Crescimento e actividade fetal às 20-24 Semanas de Gestação (Estudo Preliminar). *Acta Médica Portuguesa*, 21(1), 55-64.
- Connell, J., Spencer, M. & Aber, J. (1994). Educational Risk and Resilience in African-American Youth: Context, Self, Action, and Outcomes in School. *Child Development*, 65, 493-506.
- Coutinho, M.T. (2004). Apoio à família e formação parental. *Análise Psicológica*, 22(1), 55-64.
- Costa, C., Cia, F. & Barham, E. (1997). Envolvimento materno e desempenho acadêmico: comparando crianças residindo com a mãe e com ambos os pais. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 11(2), 339-351.
- Cruz, O. & Lima, I. (2012). Qualidade do ambiente familiar – preditores e consequências no desenvolvimento das crianças e jovens. *Revista Amazônica*, 8(1), 246-265.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Diogo, A. M. (1998). *Famílias e Escolaridade – representações parentais da escolaridade, classe social e dinâmica familiar*. Lisboa: Edições Colibri.
- Diogo, A.M. (2006). Dinâmicas familiares e investimento na escola à saída do ensino obrigatório. *Interações*, 2, 87-112.
- Dunlop, R., Burns, A. & Bermingham, S. (2001). Parent-child relations and adolescent self-image following divorce: a 10 year study. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(2), 117-134.

- Fleck, M., Louzada, S., Xavier, M., Chachamovich, E., Vieira, G., Santos, L. et al. (2000). Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100). *Revista Saúde Pública*, 34(2), 178-83.
- Gameiro, S., Carona, C., Pereira, M., Canavarro, M.C., Simões, M., Rijo, D. et al. (2008). Sintomatologia depressiva e qualidade de vida na população geral. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 9(1), 103-112.
- Gaspar, T., Ribeiro, J.L., Matos, M.G. & Leal, I. (2008). Promoção de qualidade de vida em crianças e adolescentes. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 9(1) 55-71.
- Guralnick, M. (1997). Effectiveness of Early Intervention for Vulnerable Children: A Developmental Perspective. *American Journal on Mental Retardation*, 102(4), 319-345.
- Jia, R., Kotila, L.E., & Schoppe-Sullivan, S.J. (2012). Transactional relations between father involvement and preschoolers socioemotional adjustment. *Journal of Family Psychology*, DOI: 10.1037/a0030245.
- Jia, R., & Schoppe-Sullivan, S.J. (2011). Relations between coparenting and father involvement in families with preschool-age children. *Developmental Psychology*, 47(1), 106-118.
- Lam, C.B., Mchale, S. & Crouter, A. (2012). Parent–Child Shared Time From Middle Childhood to Late Adolescence: Developmental Course and Adjustment Correlates. *Child development*, 83(6), 2089-2103
- Lam, C., Solmeyer, A. & McHale, S. (2012). Sibling differences in parent-child conflict and risky behavior: a three-wave longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 523-531.

- Lyddon, W. & Sherry, A. (2001). Developmental personality styles: Attachment theory conceptualization of personality disorders. *Journal of Counseling & Development*, 79, 405-441.
- Malpique, C. (1998). *A Ausência de Pai*. (3ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Maroco, J. (2007) *Análise estatística com utilização de SPSS*. (3ª ed.): Edições Sílabo.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Martins, J., Schneider, D., Coelho, F., Nascimento, E., Albuquerque, G., Erdmann, A. et al (2009). Quality of life among elderly people receiving home care services. *Acta Paulista de Enfermagem*, 22(3), 265-271.
- Monteiro, L. & Veríssimo, M. (2007). *Análise do Fenómeno de Base Segura em Contexto Familiar: A especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Tese de Doutoramento em Psicologia Educacional. Universidade Nova de Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 1-140.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. & Vaughn, B. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395-409.
- Montagner, H. (1996). *Acabar com o insucesso na escola*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da criança*. (8ª ed.). Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.

- Paredes, T., Simões, M., Canavarro, M.C., Vaz Serra, A., Pereira, M., Quartilho, M., Rijo, D. et al (2008). Impacto da doença crónica na qualidade de vida: comparação entre indivíduos da população geral e doentes com tumor do aparelho locomotor. *Psicologia Saúde e Doenças*, 9(1), 73-87.
- Parke, R. & Buriel, R. (2006). Socialization in the family: *ethnic and ecological perspectives*. In W. Damon & R. Lerner (series Eds.). & N. Eisenberg (Vol. Ed.) *Handbook of Child Psychology, Vol. 3. Social emotional, and personality development* (6ª ed., 429-504). New York: Wiley.
- Peixoto, F. (2004). Qualidade das relações familiares, auto-estima, autoconceito e rendimento académico. *Análise Psicológica*, 22(1), 235-244.
- Pelosi, M. (1998). *Curso de Psicopedagogia - Psicopedagogia II*: Rio de Janeiro: CEP/Divisão de Ensino.
- Petito, F. & Cummins, R. (2000). Quality of Life in Adolescence: The Role of Perceived Control, Parenting Style, and Social Support. *Behaviour Change*, 17(3), 196-207.
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L. & Costa, I. (2010). O envolvimento Paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 28(4), 565-580.
- Rosenberg, M., Schooler, C. Schoenbach, C. & Rosenberg, F. (1995). Global self-esteem and specific self-esteem: Different concepts, different outcomes. *American Sociological Review*, 60, 141-156.
- Rogers, C. (1985). *Tornar-se pessoa*. (7ª ed.). Lisboa: Moraes Editores.
- Salgado, D., Rocha, N., & Marques, A. (2008). Impacto do *Coping* Proactivo, do distress emocional e da auto-estima na funcionalidade e qualidade de

vida de pessoas com esquizofrenia. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 9(1), 143-154.

Sampaio, I. & Gomide, P. (2007). Inventário de estilos parentais (IEP) – Gomide (2006) percurso de padronização e normatização. *Psicologia Argumento*, 25(48), 15-26.

Sani, A.I. (2003). *As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interparental*. (Dissertação apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia (IEP) para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, na especialidade em Psicologia da Justiça). Universidade do Minho.

Santos, P.J., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto-estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 253-268.

Santos, P. J. (2006). Goal instability, self-esteem, and vocational identity of high school Portuguese students. *Análise Psicológica*, 21(2), 229-238.

Santos, J. (2008). Validação d Rosenberg Self-esteem Scale numa amostra de estudante do ensino superior. In Ana Paula Noronha, Carla Machado, Leandro Almeida, Miguel Gonçalves, Sara Martins & Vera Ramalho (org.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos*, XIII. Braga: Psiquilíbrios Edições.

Silva, M.G. & Costa, M.E. (2005). *Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos*. *Psicologia*, 18(2), 9-32. Lisboa: Edições Colibri.

Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescent*, 11, 1-19.

- Steinberg, L. & Morris, A. (2001). Adolescent Development. *Journal of Cognitive Education and Psychology*, 2(1), 55-87.
- Teixeira, M. & Lopes, F. (2005). Relações entre estilos parentais e valores humanos: um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, 22, 51-62.
- Vaz Serra, A., Canavarro, M.C., Simões, M., Pereira, M., Gameiro, S., Quartilho, M. et al. (2006) Estudo psicométricos do instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-100) para português de Portugal. *Psiquiatria Clínica*. 27(2) 31-40.
- Weber, L., Stasiak, G., & Brandenburg (2003). Percepção da interação familiar e auto-estima de adolescentes. *Aletheia*, 17(18), 95-105.
- WHOQOL Group (1994). Development of the WHOQOL: Rationale and current status. *International Journal of Mental Health*, 23(3), 24-56.

ANEXOS

REQUERIMENTO

Assunto: Pedido de autorização para realização de projeto de investigação

Exmo. Sr. Doutor Armando Jorge Carvalho,

**Presidente da Direção da Universidade Portucalense Infante D. Henrique,
Cooperativa de Ensino Superior, CRL**

Enquanto orientadora científica da tese de mestrado da aluna Hermínia Maria Sousa Pereira da Silva Dias, venho por este meio pedir autorização para a recolha, na Universidade Portucalense Infante D. Henrique, da amostra necessária à realização de um projeto de investigação que tem como principal objetivo analisar a influência das memórias (representações) relativas às práticas parentais no desempenho académico e auto-estima de alunos universitários.

O referido projeto insere-se na linha de investigação em *Desenvolvimento Humano* do Centro de Investigação em Educação da Universidade Portucalense Infante D. Henrique e os dados a recolher serão analisados no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia – Especialização em Psicologia da Educação e da Orientação, da estudante do 2º ciclo de estudos em Psicologia.

A implementação do estudo em questão implicaria o preenchimento, por parte dos alunos do 2º ano do 1º ciclo de estudos em Psicologia e do 1º ciclo de estudos em Direito que dessem o seu consentimento informado, dos questionários que a seguir se discriminam: questionário de informações sócio-demográficas construído para o efeito, Escala de Memórias sobre Práticas Parentais (EMBU), Escala de Auto-Estima de Rosenberg e Escala de Qualidade de Vida (WHOQOL-BREF). Para avaliação do desempenho académico dos alunos solicita-se, ainda, autorização para o levantamento das notas obtidas pelos participantes às unidades curriculares constituintes do 1º ano do

plano de estudos de cada um dos cursos, após autorização expressa dos alunos participantes.

Comprometemo-nos a garantir a total confidencialidade dos dados que forem recolhidos, os quais se destinam apenas a fins de investigação. Depois de analisados, os dados estarão disponíveis para consulta caso assim seja solicitado.

Antecipadamente grata, aguardo deferimento deste pedido.

Atenciosamente,

A Orientadora:

Prof. Doutora Ana Conde

Pedido de Autorização para Realização de Projecto de Investigação

Os questionários em anexo pretendem recolher dados para o projecto que tem como objectivos principais analisar a influência das práticas parentais na auto estima, qualidade de vida e insucesso académico dos estudantes do ensino superior, inserido na linha de investigação em *Desenvolvimento Humano* do Centro de Investigação em Educação da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, orientado pela Prof. Doutora Ana Conde.

Os dados recolhidos serão registados e organizados no Centro de Investigação em Educação para serem posteriormente analisados no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia – Especialização em Psicologia da Educação e Orientação Lic. Hermínia Maria Sousa Pereira da Silva Dias, estudante do 2º ano do 2º ciclo de estudos em Psicologia.

O Centro de Investigação em Educação está integrado no Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense Infante D. Henrique e envolve estudantes do 1º, 2º e 3º ciclos de várias áreas científicas que desenvolvem projectos em temas de especialidade dos quais se salientam: a avaliação e a gestão das organizações educativas, educação especial, educação social, a supervisão, as metodologias de ensino, as TIC e questões relativas ao desenvolvimento humano dos quais já mencionados anteriormente nos objectivos de estudo.

Para a concretização deste estudo, solicitamos a autorização para recolha da amostra na vossa Instituição, com compromisso de total confidencialidade dos dados que forem recolhidos, os quais se destinam apenas para fins de investigação. Depois de analisados os dados, estes estarão disponíveis para consulta caso assim seja solicitado.

Antecipadamente gratas, aguardamos deferimento deste pedido.

Atenciosamente,

Orientadora:

A Mestranda:

Data:

Patricia Soares

Agradeço o apoio
da Ex. Reitoria
28/03/2012

From: Ana Conde [conde.ana@gmail.com]
Sent: terça-feira, 27 de Março de 2012 17:07
To: A Direcção da UPT - Cooperativa
Subject: Pedido de autorização para realização de projeto de investigação
Attachments: Autorização Projecto.doc

Boa tarde,

Enquanto orientadora científica da tese de mestrado da aluna Hermínia Maria Sousa Pereira da Silva Dias, estudante do 2º ano do Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia da Educação e da Orientação, da Universidade Portucalense, venho por este meio pedir autorização para a implementação do seu projeto de investigação destinado a analisar a influência das memórias (representações) relativas às práticas parentais no desempenho académico e auto-estima de alunos universitários.

No sentido da apreciação do pedido em causa, junto envio o respetivo requerimento com exposição detalhada das atividades inerentes ao referido estudo.

Aguardo deferimento, disponível para os esclarecimentos que julguem necessários.

Com os meus melhores cumprimentos,

Ana Conde

Professora Auxiliar da Universidade Portucalense Infante D. Henrique
Rua Dr. António Bernardino de Almeida, 541
4200 072 - Porto
Gabinete: 404
Telefone: +351 22 557 (ext. 3404) / 93 9466725
Email: anac@upt.pt

Deixo os cordiais
gratificações,
Nada a
opor
por
2012/03/29



De acordo com a Ex. Reitoria
Autorizado
29/03/2012
[Assinatura]

CONSENTIMENTO INFORMADO

Encontro-me a realizar um estudo que tem como objectivo avaliar o impacto das práticas parentais no desempenho académico e auto estima em estudantes do ensino superior. Para tal, solicito a sua colaboração sem a qual este estudo não é possível. A sua participação implicará:

- Questionário Sociodemográfico referente a dados pessoais e percurso académico. (Dias, Dias & Conde; 2012) (duração prevista 14 minutos)
- Preenchimento da escala EMBU Memórias de infância. (Perris, Jacobsson; Lindstrom; Knorrning & Perris; 1984 – traduzido e adaptado por Canavarro, 1996). (duração prevista, 7 minutos)
- Preenchimento da escala de avaliação global da Auto Estima de Rosenberg (RSES). (versão original Rosenberg; 1965 – Traduzido e adaptado por Santos e Maia; 2003). (duração prevista, 5 minutos)
- Preenchimento do questionário de qualidade de vida, WHOQOL-BREF (- Traduzido e adaptado por Canavarro, Vaz Serra, Simões, Pereira, Gameiro et al; 2006) (duração prevista, 5 minutos)

A sua participação neste estudo é voluntária, não tem que participar se não o deseja e poderá interrompê-la em qualquer momento. As suas informações são estritamente confidenciais, nunca sendo fornecida a sua identidade pessoal. Os dados das suas respostas serão utilizados apenas para efeitos estatísticos. Para que as suas informações sejam válidas peço-lhe que responda a todas as questões que lhe são colocadas com o máximo de sinceridade. Não há respostas certas ou erradas, pelo que qualquer uma é válida.

Agradeço a sua colaboração.

Para questões adicionais deverá contactar:

A mestranda em Psicologia da Educação e Orientação da Universidade Portucalense Infante D. Henrique: Hermínia Dias cujo contacto é: hdartes@gmail.com

Eu, _____ declaro
que fui informado/a sobre os objectivos do estudo e manifesto a minha disponibilidade
para colaborar com este projecto

_____, de _____ de 2012

Contacto de e-mail (preenchimento obrigatório) _____

O/A participante:

(Rubrica)

Questionário Sociodemográfico

De Seguida apresenta-se uma lista de afirmações. Coloque um círculo ○ na resposta que mais se lhe adequa.

1. Idade: _____

2. Género:

1. Masculino
2. Feminino

3. Estado Civil:

1. Solteiro
2. Casado
3. União de Facto
4. Separado
5. Divorciado
6. Viúvo

4. Nacionalidade

1. Portuguesa
2. Outra _____

5. Número de pessoas do Agregado familiar

1. Duas
2. Três
3. Quatro
4. Cinco
5. Mais _____

6. Com quem vive?

1. Sozinho (a)
2. Vive com o pai/ mãe
3. Vive só com o pai
4. Vive só com a mãe
5. Mãe/Padrasto
6. Pai/Madrasta
7. Vive com outros membros da família
8. Casa de acolhimento
9. Adopção oficial
10. Outras _____

7. Estatuto Ocupacional

1. Estudante
2. Estudante/Trabalhador
3. Outro _____

8. Habilitações literárias do pai

1. Não sabe ler nem escrever
2. 1º Ciclo (1º ao 4º ano)
3. 2º Ciclo (5º ao 6º ano)
4. 3º Ciclo (7º ao 9º ano)
5. Secundário (10 ao 12º ano)
6. Licenciatura
7. Mestrado
8. Doutoramento
9. Outra _____

9. Estatuto ocupacional do pai

1. Empregado
2. Desempregado
3. Reformado
4. Outro _____

10. Habilitações literárias da mãe

1. Não sabe ler nem escrever
2. 1º Ciclo (1º ao 4º ano)
3. 2º Ciclo (5º ao 6º ano)
4. 3º Ciclo (7º ao 9º ano)
5. Secundário (10 ao 12º ano)
6. Licenciatura
7. Mestrado
8. Doutoramento
9. Outra _____

11. Estatuto ocupacional da mãe

1. Empregada
2. Desempregada
3. Reformada
4. Outro _____

Questionário percurso académico

De seguida apresenta-se algumas questões relacionadas com o seu percurso académico. Preencha de acordo com o que lhe for pedido.

1. Qual é o curso do 1º Ciclo de estudos (Licenciatura) que frequenta?

1. Curso de Direito ☐

2. Curso de Psicologia ☐

2. Notas das disciplinas do 1º e 2º semestre do 1º Ciclo de estudos (licenciatura) 1º ano**Direito – Plano do curso do 1º ano**

1º semestre	ECTS	Nota obtida na disciplina
Direito Constitucional	6.5	
Expressão Jurídica e Técnicas de Comunicação	5.5	
História das Ideias Políticas e Sociais	5.5	
Introdução ao Direito	7.5	
Opcional	ECTS	Nota obtida na disciplina
Economia e Sociedade	5	
Fundamentos de Análise Económica	5	
2º semestre	ECTS	Nota obtida na disciplina
Metodologia do Direito e Pensamento Jurídico	5	
História do Direito	6	
Direito da União Europeia	6	
Teoria Geral do Direito Civil	8	
Opcional	ECTS	Nota obtida na disciplina
Psicologia da Personalidade	5	
Psicologia das Organizações	5	
Sociologia	5	

3. Tem disciplinas em atraso?

Sim ☐ Não ☐

Se **sim**, discrimine quais e as unidades de crédito (ETCS)

ID: _____

4. Nota final ponderada do 1º ano do curso de Direito _____
(a preencher pelo investigador)

5. Notas das disciplinas do 1º e 2º semestre do 1º Ciclo de estudos (licenciatura) 1º ano

Psicologia – Plano do curso do 1º ano

1º Semestre	ECTS	Nota obtida na disciplina
Biologia Humana 1	5	
Estatística e Análise de Dados	5	
História da Psicologia	4	
Metodologia da Observação	5	
Psicologia da Comunicação	5	
Psicologia da Cognição 1	6	
2º Semestre	ECTS	Nota obtida na disciplina
Psicologia da Cognição 2	6	
Psicologia da Motivação	5	
Estatística e Análise de Dados 2	5	
Biologia Humana 2	5	
Metodologia da Investigação	6	
Opcional	ECTS	Nota obtida na disciplina
Psicologia das Emoções	3	
Psicologia do Relacionamento Interpessoal	3	

6. Tem disciplinas em atraso?

Sim ☐ Não ☐

Se **sim**, discrimine quais e as unidades de crédito (ETCS)

7. Nota final ponderada do 1º ano de psicologia _____
(a preencher pelo investigador)

Muito obrigada pela sua colaboração

EMBU

(C. Perris, L. Jacobsson; H. Lindstrom; L. Von Knorring & H. Perris; 1984)

Umea University (Department of Psychiatry & WHO Collaborating Centre for Research and Training in Mental Health); Groningen University (Department of Psychology); Universidade Técnica de Lisboa (Departamento de Educação Especial e Reabilitação); Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia (Departamento de Terapêutica do Comportamento).

Memórias de Infância

INSTRUÇÕES: Em seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões relativas à sua infância e adolescência

É importante lembrar-se dos comportamentos dos seus pais em relação a si, tal como os recorda, até ter a idade de 16 anos. Mesmo que às vezes seja difícil relembrar como é que o nossos pais se comportavam em relação a nós, quando eramos crianças e adolescentes, cada um de nós tem certas memórias dos princípios por eles utilizados na nossa educação.

Leia cada questão cuidadosamente e considere qual a resposta que melhor se aplica ao seu caso. Responda separadamente, em relação ao comportamento da sua mãe e do seu pai, colocando, para cada questão, uma X num dos quadrados em frente a **Pai**, para avaliar o comportamento do seu pai e outra num dos quadrados em frente a **Mãe**, para avaliar o comportamento da sua mãe.

Por exemplo:

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
Os meus pais eram amáveis comigo	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
1. Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os meus pais elogiavam-me	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Desejava que os meus pais se preocupassem menos com o que eu fazia	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os meus pais deram-me mais castigos físicos do que eu merecia	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Quando chegava a casa tinha de contar tudo o que tinha feito	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Os meus pais contribuíram para que a adolescência fosse uma época de aprendizagens importantes, na minha vida.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Os meus pais criticavam-me à frente dos outros	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Os meus pais proibiam-me de fazer coisas que a outras crianças eram permitidas por terem medo que me pudesse acontecer alguma coisa	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
9. Os meus pais incentivavam-me a sobressair em tudo o que eu fazia	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Através do seu comportamento, parecendo tristes, por exemplo, os meus pais faziam-me sentir culpado por os tratar mal	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Eu penso que a ansiedade dos meus pais de que alguma coisa me pudesse acontecer era exagerada	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Se as coisas me corressem mal, eu sentia que os meus pais me tentavam confortar e encorajar	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu era tratado(a) como a «ovelha ranhosa» ou como o «bode expiatório» da família	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os meus pais mostravam com gestos e palavras que gostavam de mim	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu sentia que os meus pais gostavam mais do(s) meu(s) irmão(s) e/ou irmã(s) do que de mim	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Os meus pais faziam-me sentir vergonha de mim mesmo	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os meus pais não se preocupavam muito com as minhas saídas.	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Sentia que os meus pais interferiam com tudo aquilo que eu fazia	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sentia que havia ternura, entre mim e os meus pais.	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Os meus pais estipulavam limites sobre o que me era permitido e sobre o que não me era permitido fazer, que seguiam rigorosamente	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Os meus pais castigavam-me mesmo por pequenos erros	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Os meus pais é que decidiam sobre como eu me devia vestir ou parecer	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu sentia que os meus pais ficavam orgulhosos quando eu era bem sucedido(a) em qualquer coisa na qual me havia empenhado	<div> <div>Pai</div> <div>Mãe</div> </div>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

RSES

Segue-se uma lista de afirmações que dizem respeito ao modo como se sente acerca de si próprio(a). À frente de cada uma delas assinale com uma cruz (X), na respectiva coluna, a resposta que mais se lhe adequa.

	Concordo fortemente	Concordo	Discordo	Discordo fortemente
1. Globalmente, estou satisfeito(a) comigo próprio(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Por vezes penso que não sou bom/boa em nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sinto que tenho algumas qualidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto que não tenho muito de que me orgulhar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes sinto-me, de facto, um(a) inútil.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Sinto-me uma pessoa de valor, pelo menos tanto quanto a generalidade das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Gostaria de ter mais respeito por mim próprio(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Bem vistas as coisas, inclino-me a sentir que sou um(a) falhado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Adopto uma atitude positiva para comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

WHOQOL-BREF



ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE



FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Coordenador: Prof. Doutor Adriano Vaz Serra (adrianovs@netvisao.pt)



FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Coordenadora: Prof. Doutora Maria Cristina Canavarro (mccanavarro@fpce.uc.pt)

	Equações para calcular a pontuação dos domínios	Resultados	Resultados transformados	
			4-20	0-100
Domínio 1	$(6-Q3) + (6-Q4) + Q10 + Q15 + Q16 + Q17 + Q18$ <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/>			
Domínio 2	$Q5 + Q6 + Q7 + Q11 + Q19 + (6-Q26)$ <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/>			
Domínio 3	$Q20 + Q21 + Q22$ <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/>			
Domínio 4	$Q8 + Q9 + Q12 + Q13 + Q14 + Q23 + Q24 + Q25$ <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/> + <input type="checkbox"/>			

DADOS PESSOAIS

A1 **Idade** anos

A2 **Data de Nascimento** ____ / ____ / ____

A3 **Sexo** Masculino
 Feminino

A4	Escolaridade	
	Não sabe ler nem escrever	<input type="text"/>
	Sabe ler e/ou escrever	<input type="text"/>
	1º-4º anos	<input type="text"/>
	5º-6º anos	<input type="text"/>
	7º-9º anos	<input type="text"/>
	10º-12º anos	<input type="text"/>
	Estudos Universitários	<input type="text"/>
	Formação pós-graduada	<input type="text"/>

A5 **Profissão**

A6.1	Freguesia	<input type="text"/>
A6.2	Concelho	<input type="text"/>
A6.3	Distrito	<input type="text"/>

A7	Estado Civil	
	Solteiro(a)	<input type="text"/>
	Casado(a)	<input type="text"/>
	União de facto	<input type="text"/>
	Separado(a)	<input type="text"/>
	Divorciado(a)	<input type="text"/>
	Viúvo(a)	<input type="text"/>

B1a Está actualmente doente? Sim ☐ Não ☐

B1b Que doença é que tem?

B2 Há quanto tempo?

B3 Regime de tratamento? Internamento ☐ Consulta Externa ☐ Sem tratamento ☐

C. Forma de administração do questionário

- 1. Auto-administrado ☐
- 2. Assistido pelo entrevistador ☐
- 3. Administrado pelo entrevistador ☐

D. Tem alguns comentários a fazer a este estudo?

OBRIGADO PELA SUA AJUDA!

Instruções

Este questionário procura conhecer a sua qualidade de vida, saúde, e outras áreas da sua vida.

Por favor, responda a todas as perguntas. Se não tiver a certeza da resposta a dar a uma pergunta, escolha a que lhe parecer mais apropriada. Esta pode muitas vezes ser a resposta que lhe vier primeiro à cabeça.

Por favor, tenha presente os seus padrões, expectativas, alegrias e preocupações. Pedimos-lhe que tenha em conta a sua vida nas **duas últimas semanas**.

Por exemplo, se pensar nestas duas últimas semanas, pode ter que responder à seguinte pergunta:

	Nada	Pouco	Moderadamente	Bastante	Completamente
Recebe das outras pessoas o tipo de apoio que necessita?	1	2	3	4	5

Deve pôr um círculo à volta do número que melhor descreve o apoio que recebeu das outras pessoas nas duas últimas semanas. Assim, marcaria o número 4 se tivesse recebido bastante apoio, ou o número 1 se não tivesse tido nenhum apoio dos outros nas duas últimas semanas.

Por favor leia cada pergunta, veja como se sente a respeito dela, e ponha um círculo à volta do número da escala para cada pergunta que lhe parece que dá a melhor resposta.

		Muito Má	Má	Nem Boa Nem Má	Boa	Muito Boa
1 (G1)	Como avalia a sua qualidade de vida?	1	2	3	4	5

		Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
2 (G4)	Até que ponto está satisfeito(a) com a sua saúde?	1	2	3	4	5

As perguntas seguintes são para ver até que ponto sentiu certas coisas nas duas últimas semanas.

		Nada	Pouco	Nem muito nem pouco	Muito	Muitíssimo
3 (F1.4)	Em que medida as suas dores (físicas) o(a) impedem de fazer o que precisa de fazer?	1	2	3	4	5
4 (F11.3)	Em que medida precisa de cuidados médicos para fazer a sua vida diária?	1	2	3	4	5
5 (F4.1)	Até que ponto gosta da vida?	1	2	3	4	5
6 (F24.2)	Em que medida sente que a sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
7 (F5.3)	Até que ponto se consegue concentrar?	1	2	3	4	5
8 (F16.1)	Em que medida se sente em segurança no seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
9 (F22.1)	Em que medida é saudável o seu ambiente físico?	1	2	3	4	5

As seguintes perguntas são para ver **até que ponto** experimentou ou foi capaz de fazer certas coisas nas duas últimas semanas.

		Nada	Pouco	Moderadamente	Bastante	Completamente
10 (F2.1)	Tem energia suficiente para a sua vida diária?	1	2	3	4	5
11 (F7.1)	É capaz de aceitar a sua aparência física?	1	2	3	4	5
12 (F18.1)	Tem dinheiro suficiente para satisfazer as suas necessidades?	1	2	3	4	5
13 (F20.1)	Até que ponto tem fácil acesso às informações necessárias para organizar a sua vida diária?	1	2	3	4	5
14 (F21.1)	Em que medida tem oportunidade para realizar actividades de lazer?	1	2	3	4	5

		Muito Má	Má	Nem boa nem má	Boa	Muito Boa
15 (F9.1)	Como avaliaria a sua mobilidade [capacidade para se movimentar e deslocar por si próprio(a)]?	1	2	3	4	5

As perguntas que se seguem destinam-se a avaliar se se sentiu **bem ou satisfeito(a)** em relação a vários aspectos da sua vida nas duas últimas semanas.

		Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
16 (F3.3)	Até que ponto está satisfeito(a) com o seu sono?	1	2	3	4	5
17 (F10.3)	Até que ponto está satisfeito(a) com a sua capacidade para desempenhar as actividades do seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
18 (F12.4)	Até que ponto está satisfeito(a) com a sua capacidade de trabalho?	1	2	3	4	5
19 (F6.3)	Até que ponto está satisfeito(a) consigo próprio(a)?	1	2	3	4	5
20 (F13.3)	Até que ponto está satisfeito(a) com as suas relações pessoais?	1	2	3	4	5
21 (F15.3)	Até que ponto está satisfeito(a) com a sua vida sexual?	1	2	3	4	5
22 (F14.4)	Até que ponto está satisfeito(a) com o apoio que recebe dos seus amigos?	1	2	3	4	5
23 (F17.3)	Até que ponto está satisfeito(a) com as condições do lugar em que vive?	1	2	3	4	5
24 (F19.3)	Até que ponto está satisfeito(a) com o acesso que tem aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5
25 (F23.3)	Até que ponto está satisfeito(a) com os transportes que utiliza?	1	2	3	4	5

As perguntas que se seguem referem-se à **frequência** com que sentiu ou experimentou certas coisas nas duas últimas semanas.

		Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
26 (F8.1)	Com que frequência tem sentimentos negativos, tais como tristeza, desespero, ansiedade ou depressão?	1	2	3	4	5